ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Nº 17 2ª serie

Director — Carlos Malheiro Dias

Illustração Portugueza

Director—Carlos Malheiro Dias

EDIÇÃO SEMANAL

EMPREZA DO JORNAL O SECULO

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão — Rua Formosa, 43, Lisboa

Condições de assignatura

Portugal, colonias e Hespanha

Anno	4$800
Semestre	2$400
Trimestre	1$200

Assignatura extraordinaria

A assignatura conjuncta de O SECULO, do SUPPLEMENTO HUMORISTICO DO SECULO e da ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA

Anno	8$000	Trimestre	2$000
Semestre	4$000	Mez (em Lisboa)	700

EDITOR—JOSÉ JOUBERT CHAVES

ORTIGUIL
FOR THE HAIR

900 RÉIS

DEVE ESTAR EM TODOS OS TOILETTES, EVITA A QUEDA, FACILITA O CRESCIMENTO E TIRA A CASPA.

PERFUME ESQUISITO

Vende-se nos bons estabelecimentos de Portugal.

DEPOSITO
PERFUMARIA BALSEMÃO
R. dos Retrozeiros, 141
LISBOA

Pelo correio accresce 200 réis.

José da Costa
Rua do Carmo, 73 e 75

Generos alimenticios de 1.ª qualidade, especialidade em queijos francezes. — Telephone n.º 1905.

Viuva Thiago da Silva & C.ª

Estabelecimento de ferragens nacionaes e estrangeiras — 94, Praça de D. Pedro, 95 — Officinas de serralheiro, dourador, metaes e nickelagem.—**Rua de Santo Antão, 2-A.**

Cambio e papeis de credito

DIAS, COSTA & COSTA
TELEPHONE N.º 380
RUA GARRETT 76 78
LISBOA

Ourivesaria e relojoaria Mergulhão de **Manuel Carlos Mergulhão & C.ª**, (titulo registado)—**162, Rua de S. Paulo, 162-B, Lisboa**—Com relogio HORAS OFFICIAES á porta.
Extrema barateza ao alcance de todas as bolsas.

NESTLÉ

FARINHA LACTEA

32 medalhas de ouro incluindo a conferida na Exposição Agricola de Lisboa

PREÇO 400 RÉIS

ESTAÇÃO DE VERÃO

Os mais lindos modelos de chapeus para verão e copias magnificas e elegantissimas, por preços extremamente baratos.

Collecções completas de artigos para confecções de chapeus, aigrettes, meio tulles, etc.

5 Rua do Carmo 7

CASA SEGURADO

PÃO PARA DIABETICOS

Massas para sopa, farinha, chocolate, biscoitos, assucar de saude, etc. Todo de pura Gluten do dr. Charrasse, de Marselha, medico especialista.
Chegou nova remessa d'estes magnificos productos, unicos de que devem fazer uso exclusivo os doentes, certificando-se assim dos bons resultados.

Dias, Costa & Costa
76, Rua Garrett, (Chiado) 78
TELEPHONE 380

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã) Valle Maior (Albergaria a Velha)

Installadas para uma producção annual de cinco milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encommendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fórma.

ESCRIPTORIOS E DEPOSITOS

LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276
PORTO — 49, Rua de Passos Manuel, 51

Endereços telegraphicos: LISBOA, COMPANHIA PRADO.
PORTO — PRADO — Lisboa: Numero telephonico 308.

REINO DA SAXONIA

Technico Mittweida

DIRECTOR: **Prof. A. Holz**

Instituto de 1.ª ordem para estudo da engenheria mechanica e electr. Possue tambem laboratorios para mechanica e electrica bem como uma fabrica para o estudo pratico. Frequentaram no 36.º anno: 6:610 estudantes.—Para programmas, etc., dirigir-se ao secretariato.

CARBOLACENE

O melhor desinfectante.

J. B. RIBEIRO
263, RUA AUGUSTA, 265

ESPECIALIDADE EM
Calças e calções á ingleza e á portugueza para montar a cavallo

Grande sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, para fatos, gravatas, suspensorios, botões de camizas, carteiras, etc.

Ultimas novidades

RETROZARIA
DAVID SOBRINHO
78, Rua Nova do Almada, 78

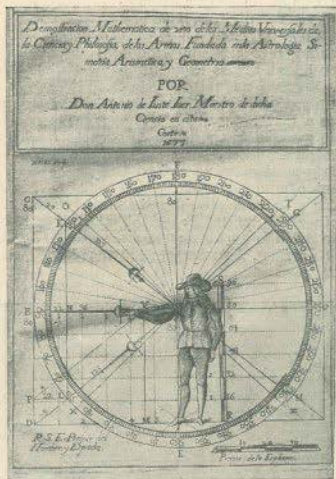
Union Maritime • Mannheim Companhia de seguros postaes maritimos e de transportes de qualquer natureza. — Directores em Lisboa: **LIMA MAYER & C.ª—59, Rua da Prata, 1.º**

Espadas e Espadachins

FANFARRÕES E FANFARRONADAS — MONTESQUIEU E OS ESPADACHINS PORTUGUEZES — O DUELLO E O AMOR — DO «TRINCA FORTES» AOS CAPOTES BRANCOS» — O SECULO DA CAPA E ESPADA — D. FRANCISCO MANUEL BATE-SE COM D. JOÃO IV — ESPADACHINS E FRADES — FREI ALEXANDRE DA PAIXÃO E FREI ANTONIO DAS CHAGAS — O NOSSO CYRANO DE BERGERAC E UM DESAFIO NO THEATRO DE BADAJOZ — OS MONTANTES E OS TORNEIOS DA EDADE MEDIA — AS ESPADAS DE NUN'ALVARES E DE D. JOÃO II — COMO SE DEGENEROU — O ESPADIM DOIRADO DO SECULO XVIII — O DUQUE DE LAFÕES.

ESPANHA e Portugal foram sempre terras de espadachins.

Dizia Montesquieu, nas *Lettres Persanes*, querendo dar a impressão flagrante do typo peninsular, que o ideal de todo o portuguez era *«être le proprietaire d'une grande epée, où avoir appris de son père l'art de faire jouer une discordante guitarre»*. O galantissimo philosopho do *«Temple de Gnide»*, imperturbavel nos seus punhos de renda e na sua impertinencia franceza, fez em duas palavras, sem se sentir, a synthese justa da nossa sentimentalidade de amorosos e de aventureiros. Nada mais inseparavel do nosso feitio romanesco e da nossa velha lealdade fidalga, do que uma boa lamina de Toledo prompta a liquidar de momento todas as competencias, todas as injurias, todos os ciumes.

Menos fanfarrões do que os hespanhoes, mas nem por isso menos bravos do que elles, — levámos tres seculos a bater-nos systematicamente em duello, — nas viellas da cidade e nos Pateos da Comedia, á porta das egrejas e em casa dos mestres de espada preta. Os seculos XVI, XVII e XVIII foram em Portugal os grandes seculos de espadas e espadachins. Desde as aventuras e das brigas coimbrãs d'esse escolar ruivo que foi Luiz de Camões, o lendario *Trinca-fortes* da praça de Sansão, até ás turbulencias e aos desafios dos «capotes-brancos» no tempo d'El-Rei D. José, vão tres seculos de duellos na sombra, de espadas fóra, de rixas nocturnas, de capas ao vento, de bravuras doidas, de fanfarronadas galantes. Amorosos por temperamento, fidalgos por condição, puzemos sempre o

Uma das gravuras do livro «Dextresa y Filosofia de las Armas», de Antonio de Ettenhard, mestre do rei Carlos II (1675) — Exempl. raro da Bib. Nacional

duello ao serviço do amor, — como se a espada fôsse o caminho mais curto para o coração d'uma mulher. Os nossos grandes espadachins foram os nossos grandes amorosos. D. Francisco Manuel de Mello, general e poeta, bateu-se com o proprio D. João IV, com o proprio rei, no vão d'uma porta do Pateo das Columnas, por causa da linda condessa de Villa Nova, — que por distração era amante dos dois. Frei Alexandre da Paixão, nos seus tem

pos de secular, quando os fios de prata da velhice ainda lhe não pungiam da barba e o burel de S. Francisco lhe não pesava nos hombros, foi o maior desordeiro e o maior espadachim de Lisboa. O mesmo succedeu com o grande prégador Frei Antonio das Chagas, cuja figura ascética abraçada a um rosario e a uma caveira, mortificada de jejuns e illuminada de eloquencia, mal deixava adivinhar o antigo esgrimista emerito, com uma duzia de mortes em duello e tres duzias de freiras disputadas ao amor divino. Entre nós, o *D. Juan* de Tirso de Molina escondia o gibão de velludo sob o burel aspero da penitencia, e como as velhas beatas, quando já não tinha que dar ao diabo — entregava-se a Deus. Para os nossos grandes espadachins, como para os nossos grandes amorosos, o habito era uma aposentação. Quando não acabavam no mosteiro, — acabavam na cadeia.

Espada flamenga do seculo XVI.—Quartões recurvos em sentido contrario.

Espada do seculo XVII lamina ondeada, copos de taça, quartões rectos, guarda *pas-d'âne*.

Espada do seculo XVII, copos de taça, quartões duplos, lamina larga

Foi o que succedeu, pouco mais ou menos, ao maior e mais celebre duellista que tem havido em Portugal, — um tal D. João de Castro, de que nos falla o frade auctor das *Monstruosidades do Tempo e da Fortuna*. Este homem era um verdadeiro Cyrano de Bergerac, — de gibão de couro, mangas de velludo, espada de taça, capa ao hombro, feltro ao vento. Um bello dia, em 1650, estando em Badajoz, n'um pateo, a assistir á representação d'uma comedia onde se mettia a ridiculo D. João IV, — arrancou da espada, saltou ao tablado, pôz os comicos em fuga, voltou ao proscenio, encarou a platéa amotinada e revolta, e erguendo a cabeça loira, nobremente, sobre o grande mantén hollandez, como o teria feito o seu collega Hercule-Savinien, atirou aos hespanhoes este desafio collectivo:

—«*Aqui está un português para quien quiera algo de él!*»

É claro, todos foram voltando prudentemente as costas. O nosso Cyrano deixou sahir tudo, embainhou a espada, e com a solemnidade triumphante d'um gallo, sahiu lentamente do pateo da comedia. Era o typo classico do fanfarrão brilhante, do fanfarrão á Calderon de la Barca, declamatorio e theatral, seguro no jogo e fragil nos escrupulos. Andava sempre homisiado, — pela Hespanha, por Flandres, pela Italia. Por fim, tantas mortes fez e tão pouco cuidado teve, que o apanharam. Foi um *habitué* que se ganhou para a cadeia do Tronco e um frade que se perdeu

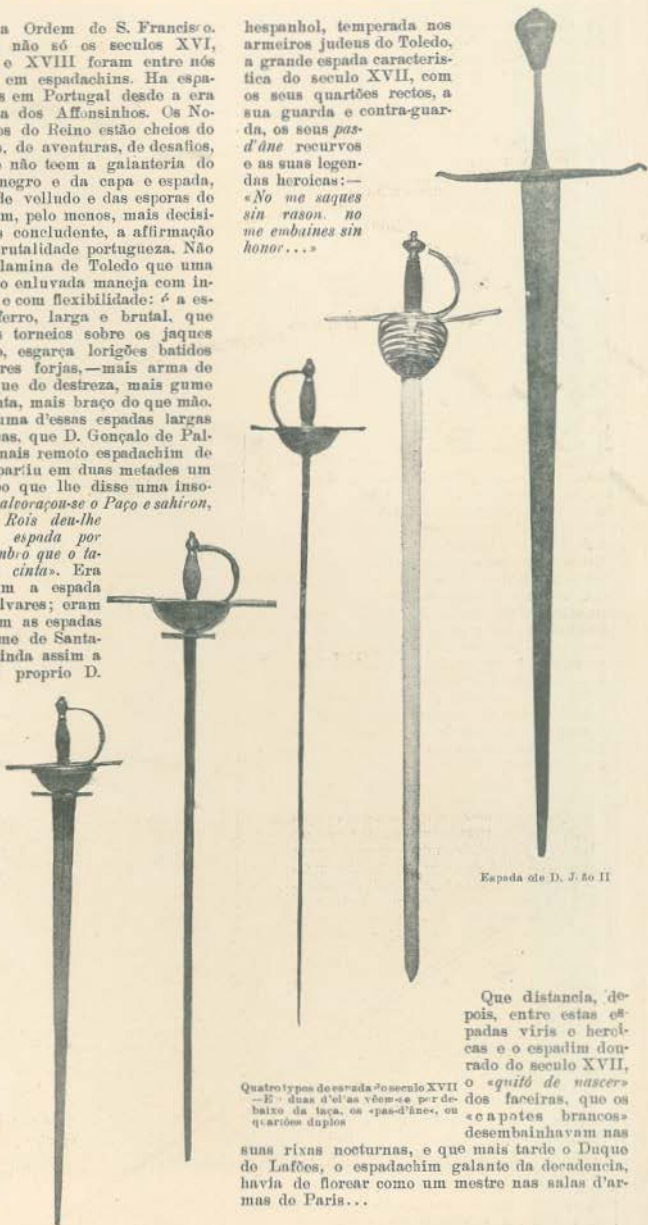
Lapide da sepultura do Alfageme de Santarem, no claustro do Convento do Carmo

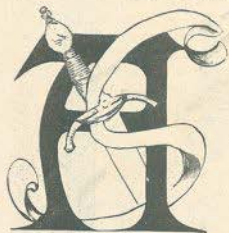
para a Ordem de S. Francisco.

Mas não só os seculos XVI, XVII e XVIII foram entre nós ferteis em espadachins. Ha espadachins em Portugal desde a era ingenua dos Affonsinhos. Os Nobiliarios do Reino estão cheios de duellos, de aventuras, de desafios, que, se não teem a galanteria do feltro negro e da capa e espada, do gibão de velludo e das esporas de ouro, — teem, pelo menos, mais decisiva e mais concludente, a affirmação da velha brutalidade portugueza. Não é ainda a lamina de Toledo que uma fidalga mão enluvada maneja com intelligencia e com flexibilidade: é a espada de ferro, larga e brutal, que chispa nos torneios sobre os jaques de brocado, esgarça lorigões batidos nas melhores forjas, — mais arma de força do que de destreza, mais gume do que ponta, mais braço do que mão. Foi com uma d'essas espadas largas gigantescas, que D. Gonçalo de Pal-...ira, o mais remoto espadachim de Portugal, partiu em duas metades um pobre diabo que lhe disse uma insolencia: «*e alvoraçou-se o Paço e sahiron, e Gonçalo Rois deu-lhe com huma espada por cima do ombro que o talhou até a cinta*». Era ainda assim a espada de Nun'Alvares; eram ainda assim as espadas do Alfageme de Santarem; era ainda assim a espada do proprio D. João II, que já em plena Renascença, cortava d'um só golpe, como exercicio de força, umas poucas de tochas juntas. Mas a verdadeira espada do espadachim só appareceu no seculo XVI, acompanhada da terrivel adaga italiana e allemã, que dava um tão extravagante feitio aos duellos do tempo, — para surgir mais tarde na espada de taça do duellista portuguez e hespanhol, temperada nos armeiros judeus do Toledo, a grande espada caracteristica do seculo XVII, com os seus quartões rectos, a sua guarda e contra-guarda, os seus *pas-d'âne* recurvos e as suas legendas heroicas: — «*No me saques sin rason, no me embaines sin honor...*»

Espada escoceza do seculo XVII

Espada de D. João II

Quatro typos de espada do seculo XVII — E duas d'ellas vêem-se por debaixo da taça, os «pas-d'âne», ou quartões duplos

Que distancia, depois, entre estas espadas viris e heroicas e o espadim dourado do seculo XVII, o «*quitó de nascer*» dos faceiras, que os «capotes brancos» desembainhavam nas suas rixas nocturnas, e que mais tarde o Duque de Lafões, o espadachim galante da decadencia, havia de florear como um mestre nas salas d'armas de Paris...

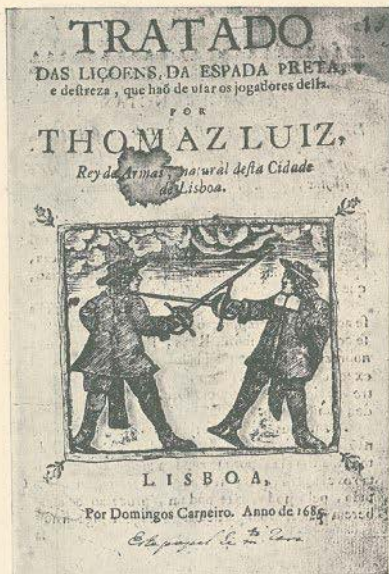
O TYPO DO MESTRE D'ARMAS DO SECULO XVII ◎ OS MESTRES D'ARMAS EM PORTUGAL ◎ AS LIÇÕES DE ESPADA PRETA ◎ OS MESTRES D'ARMAS NO THEATRO: O NOSSO «BOURGEOIS GENTILHOMME» ◎ OS MESTRES D'ARMAS NEGROS ◎ OS MESTRES D'ARMAS DE D. SEBASTIÃO E DO PRINCIPE D. THEODOSIO ◎ O LIVRO DE THOMAS LUIZ, REI D'ARMAS ◎ A ESCOLA HESPANHOLA, A ESCOLA FLAMENGA ◎ A ASTROLOGIA, A GEOMETRIA E A MATHEMATICA APPLICADAS AO JOGO D'ARMAS ◎ A ESCOLA FRANCEZA ◎ JACQUES BEAU, LOUIS SAINT GERMAIN, PEDRO FAVERY ◎ A ESGRIMA NO COLLEGIO DOS NOBRES

ARTE de jogar a espada foi entre nós uma arte nobre. Tinha mestres, — como a musica ou a dança. Aprendia-se como os passos do minuete ou as mesuras da panava, e á semelhança da gavota emplumada e solemne, não prescindia das suas cortezias e das suas gentilezas.

No seculo XVI já havia em Lisboa quatro escolas publicas de esgrima, e «*muytos gentis homens que ensinavam pessoas nobres e tinham muytos discipulos*». Os moços fidalgos davam as suas lições de duello no Paço, e mais tarde no Collegio dos Nobres, instituido por El-Rei D. José, onde leccionavam os melhores mestres de espada preta. Esses mestres eram, quasi sempre, espadachins d'officio, aventureiros que a protecção de varios fidalgos e a fama de certos golpes, *talhos*, *revezes* ou *tretas* infalliveis, tornavam temidos e procurados. Verdadeiras caricaturas de fanfarrão, com sombreiros negros enormes, capas tambem negras e esfarrapadas, uma gollilha enrocada ao pescoço, uma espada enorme levantando a capa em ar de rabo de gallo, ás vezes uma camurça em vez de gibão, umas manoplas em vez de de luvas, tenindo muito as esporas pelos pateos dos palacios, fazendo voz de trovão para amedrontar a creadagem, — os mestres d'armas do seculo XVII eram o pratinho da sociedade fidalga do tempo e a delicia dos garotos que lhes assobiavam aos calcanhares. Tomavam a sério o seu officio, revestiam-se d'uma solemnidade que ficaria bem ao *Don Mendo* de Lope de Vega, e levavam ás vezes reverendissimas sovas quando em rixas nocturnas lhes roubavam a espada e os obrigavam a bater-se a murro. D. Francisco Manoel de Mello mette-os a ridiculo n'uma scena encantadora do *Fidalgo Aprenpiz*, que tantas semelhanças tem com o *Bourgeois Gentilhomme*, de Molière:

Espada escosseza

MESTRE. — *Se lição ha de tomar,*
Despachemos, que tem homem
Outros mil que lição tomem!

TRATADO
DAS LIÇOENS, DA ESPADA PRETA,
e destreza, que haõ de usar os jogadores della.
POR
THOMAZ LUIZ,
Rey de Armas, natural desta Cidade de Lisboa.

LISBOA,
Por Domingos Carneiro. Anno de 1685.

Frontespicio do «Tratado das lições de espada preta», de Thomaz Luiz — Exemplar rarissimo da Bibliotheca da Ajuda

GIL. — *Que me haveis vós de ensinar?*
MESTRE. — *Quê? Dous talhos sacudidos,*
Um mão-dobre, um altabaixo,
Tres tretas d'unhas abaixo,
Quatro pannos, seis zurzidos...
GIL. — *Sabeis mais?*
MESTRE. — *Não, não sei al!*

«Rapière» do seculo XVII

O *«Homem da Espada»*, de Franz Hals

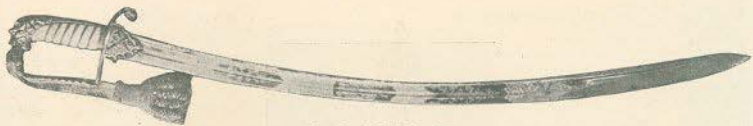
GIL. — *Pois que vós, bem que secreta*
Não me daes alguma treta
Que ninguem me impeça em mal,
Que posto me faça amouco
Nem por toque nem remoque
Ferro nenhum me não toque,
Digo-vos que sabeis pouco!

De muitos mestres d'armas do fim do seculo XVI, do seculo XVII e do seculo XVIII, ficaram-nos os nomes, e alguns d'elles deixaram-nos mesmo a chronica das suas proezas. O mais antigo mestre de espada preta de que ha conhecimento foi Jorge Fernandes, esgrimidor mulato que vivia em Setubal no tempo de D. João III, e que foi degredado para o Brazil com baraço e pregão, por ter morto um homem atravessando-o com a espada pelas costas. Tambem por este tempo viveu em Lisboa um mestre Henrique, duellista famo-so, em cuja sala d'armas um discipulo vasou um olho a certo espadachim negro chamado Roque, que se queixou e lhe moveu um processo. Como se vê, os mestres d'armas pretos abundavam no fim do seculo XVI. Em seguida, vieram os mestres d'armas castelhanos, com o seu jogo florido, brilhante, rapido, mas frouxo. O mestre d'armas de D. Sebastião foi o hespanhol mestre Antonio, a quem ElRei mandou dar em 1599 trinta mil réis por anno *«pelo trabalho de ensynar a esgryma a moços fidalgos.»* Seguiu-se-lhe no Paço mestre Jeronymo, depois mestre Gonçalo Barbosa, em seguida Abreu e Lima, mais tarde Filippe de Lemos, — quasi todos, ou todos castelhanos. O jogo hespanhol foi então o mais usado na corte, contra o jogo de Flandres, que era de salto e offerecia pouca segurança. Surgem, por esse tempo, dois grandes mestres d'armas, — o general e poeta Diogo Gomes de Figueiredo, mestre de espada preta do principe D. Theodosio, e Thomaz Luiz, Rei de Armas, auctor do mais curioso livro sobre esgrima que se tem escripto em lingua portugueza. Com estes, vem Pantaleão de Rua, mestre d'armas no Porto (1685) e por ultimo Francisco da Fonseca, preto livre, — ainda um preto! — que fôra escravo de um genovez e pozera casa de esgrimir na rua das Esteiras.

Mas a escola castelhana começou-se a complicar, a estragar, a tornar-se pedantesca, a perder a expontaneidade e o brilho. Em Madrid, D. Luiz Pacheco de Narbaes, *«el Fenis de la sciencia de las armas»*, o marquez de la Conquista, mestre do principe Balthazar d'Austria, o conde de Puñon Rostro e o capitão Blas de Valdez, iniciam uma sciencia nova, applicando a astronomia, a geometria, a arithmetica e a philosophia ao jogo da espada preta vulgar. D. Antonio Juste Iver é nomeado mestre d'esta sciencia extravagante na côrte de Hespanha (1675), e sabios castelhanos de cathegoria passam os dias curvados sobre a estante, a applicar formulas algebricas aos problemas da esgrima, e a resolver as curvas que descrevia no ar a lamina fina d'uma espada hollandeza... Este delirio veio reflectir-se em Portugal, e os mestres começaram a ser mais philosophos do que atiradores e mais sabios do que dextros. Felizmente, surge a escola franceza. Os mestres do Collegio dos Nobres, em pleno seculo XVIII, são já francezes distinctos, galantes, d'outra escola, d'outra educação. Ficaram-nos os nomes de Jacques Beau, de Louis Saint Germain, de Pierre Antoine Favery. Desapparecia o velho typo do mestre d'armas espadachim, caricatural, de grande feltro e de grande toledana, capa enorme e pera cornicabra, — para despontar o mestre d'armas galante, precioso, de casaca de seda, cabelleira empoada, moscas de

«Rapière» hespanhola do seculo XVII. — Taça, guarda, quartões rectos, lamina ondeada.

Montante de Nun'Alvares. — Lamina em abertos; quartões recurvos.

Espadim encontrado no tumulo do principe D. Theodosio, filho de D. João IV.

Espada de D. Pedro IV

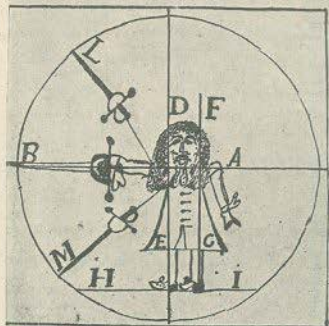
tafetá, rendas nas mangas e espadim de punho d'oiro...

Desapparecia Velasquez, para surgir Watteau.

D E QUE ESPADAS SE SERVIAM OS ESPADACHINS DO SECULO XVII ◉ A «RAPIÈRE» HESPANHOLA ◉ A PSYCHOLOGIA D'UMA ESPADA DE TAÇA ◉ AS LEGENDAS DAS LAMINAS DE TOLEDO E AS LEGENDAS DAS «RAPIÉRES» PORTUGUEZAS ◉ AS ESPADAS ALLEMÃS, FLAMENGAS E SUISSAS ◉ SUMPTUOSIDADE E DEXTREZA ◉ «L'HOMME À L'ÉPÉE» DE FRANZ HALS ◉ OS ESPADEIROS PORTUGUEZES E D. AFFONSO V ◉ OS PRIVILEGIOS DO ALFAGEMES ◉ AS ESPADAS D'EL-REI D. MANOEL ◉ UM ESPADEIRO PORTUGUEZ ◉ A DECADENCIA DA ESPADA E DO ESPADACHIM ◉ DA TOLEDANA AO QUITÓ DOURADO ◉ COM QUE ARMAS UMA MULHER DESAFIA D. MIGUEL PARA DUELLO ◉ O ASSASSINIO DE TEIXEIRA HOMEM NO FIM DO SECULO XVIII ◉ PAZ PODRE

DIZIA Thomaz Luiz, pittorescamente, no seu *Tratado* das lições de espada preta:

«*A espada tem fio e meio fio. Não ha de ser verdugo, senão cortadeira e teza. A mais curta é a mais forte, se está em boa mão, porque a espada e o annel segundo a mão em que estiver.*»

Esse typo da «espada curta, cortadeira e tesa», foi a *rapière* hespanhola do seculo XVII. Era a companhia inseparavel dos espadachins d'officio, a guarda-costas dos galantes de capa de velludo e sombreiro á Filippe IV que corriam á noite as viellas da escura e fidalga Lisboa. Esbelta e viril na elegancia heroica dos seus copos de concha ou de tijella, dos seus quartões rectos, do seu punho de madeira coberto de fio de cobre, da sua lamina estreita de quatro palmos, manejava-se com segurança e com precisão, podia com ella florir-se o jogo, e nas suas paradas e respostas nitidas, bruscas, fulgurantes, tinha o ar d'uma phrase de espirito que scintilla n'uma curva rapida para ir ferir em pleno peito com a rapidez d'um relampago. Não lhe pedissem riqueza, sumptuosidade, graça: era sobria, solida e forte, na sua bainha de couro ponteada de ferro, nos seus punhos de taça cujo tinir metallico acordava tantas vezes, como um alarme, os echos nocturnos do Mocambo ou do Bairro Alto. Como hespanhola que era, a espada de Toledo era essencialmente christã. Na sua lamina firme de dois gumes, em quasi todas as *rapières* do seculo XVII, lia-se a legenda sacramental que era o santo e a senha de todos os espadachins do tempo:—«*Min sinal es el santo crucificio.*» N'outras espadas, feitas sobretudo nos armeiros judeus de Hespanha e da Hollanda, a invocação religiosa era substituida por simples exhortações heroicas,—«*hierro, despierta-te!*» —ou por legendas sentimentaes, como a de uma espada portugueza —se ella não havia de ser portugueza!—pertencente hoje ao sr. visconde de Monserrate:—«*Não ama a amor, amor firme amante.*» Mas quantas vezes, no ardor d'um desafio, ao vibrar d'uma estocada em raio de sol, em que a espada se cravava até ás guardas,—quantas vezes, Deus louvado— não appareciam manchadas de sangue essas legen!

Uma pagina do tratado manuscripto de esgrima—«A Espada» existente na Bibliotheca da Ajuda

das abertas no ferro pelo amor humano ou pelo amor divino!

Já a espada allemã, a espada suissa, a espada flamenga dos seculos XVI e XVII, não era nem de leve o que o velho Thomaz Luiz desejava que fosse a verdadeira espada de duello,—«curta, cortadeira e teza». A lamina, mais comprida e ondeada, desequilibrava a arma; os copos, ricamente ornamentados com cinzelados e rebatidos representando em baixos-relevos scenas de cavallaria e de torneio, davam-lhe quasi sempre, como peça

Espada do seculo XVI

sumptuosa, o valor que ella não tinha como *rapière* de combate. A espada de *L'homme à l'épée*, de Franz Hals, é um exemplo typico d'essa sumptuosidade e d'essa riqueza. Entretanto, foram celebres as espadas de Jacob Brach,—*rapières* allemãs de copos de róca e punhos de fio de latão, que vieram em abundancia para Portugal, e em cuja lamina se liam quasi sempre as legendas—«*Soli deo gloria me fecit*», «*Benger o morir pro*», ou «*Me fecit Jacob Brach*».

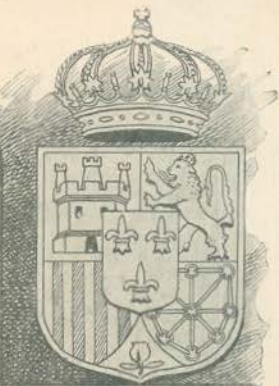
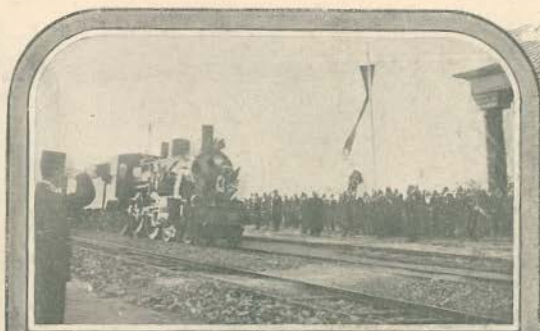
Hespanha, Flandres, a Suissa, a Allemanha, encheram Portugal de espadas, nos seculos XVI, XVII e XVIII. Por conseguinte não nos valia a pena ter grandes armeiros nem grandes espadeiros. Fomos muito mais habeis em manejar espadas—muito mais!—do que em fabrical-as. Desde tempos remotos, os nossos alfagemes limitaram-se a limpar e a afiar as armas que lhes levavam. Houve mesmo um periodo, durante o reinado de D. Affonso V, em que o *deficit* de espadas se chegou a fazer sentir d'uma maneira perigosa, vendo-se o rei forçado a estabelecer isenções e privilegios aos «*armeiros que viessem morar a estes Reynos e a quaesquer outros que a elles trouxessem armas*». Em alvará, transcripto integralmente no *Livro Vermelho*, isentava os portadores de armas dos impostos de dizima e portagem quando as trouxessem, da siza quando as quizessem vender, prohibia que sobre ellas se fizesse penhora por motivo de divida ou de justiça, e estabelecia por ultimo, cathegoricamente: «*Quaesquer armeiros que a estes Reinos quizerem vir morar, e usar seus officios, sejam libertados de pagarem em pedidos nossos, nem emprestimos, nem em outros alguns carreguos do Conselho, e os ditos officiaes vinram a nós requerer seus privilegios e lhe seram dados por nós*». O grande rei-africano queria combater,—e não tinha uma espada no Reino!

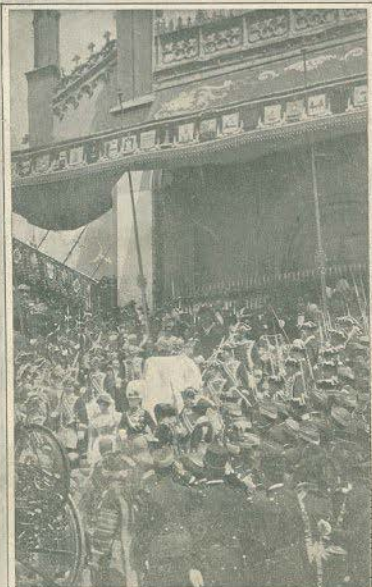
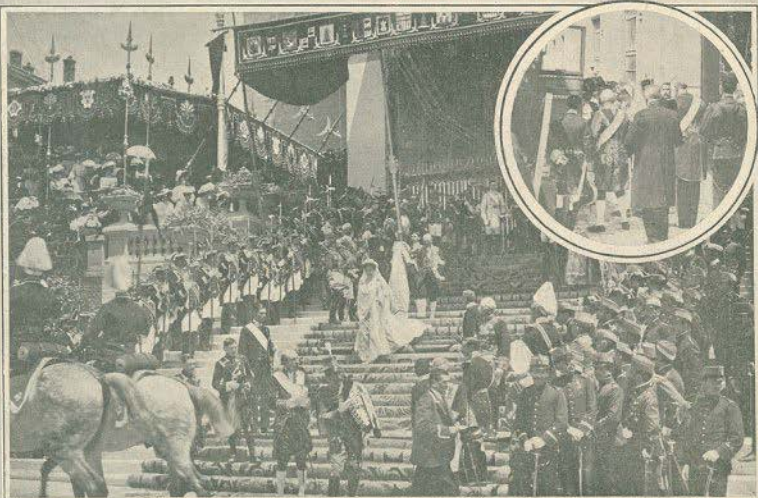
A espada e o elmo de D. João I, mestre de Aviz

Felizmente, depois, com os privilegios e com a riqueza, affluiram a Portugal armeiros e armas. Durante tres seculos, a Hespanha e a Allemanha,—Toledo e Solingen, innundaram-nos com as suas espadas. Entraram no reino espadeiros castelhanos e flamengos. Na guarda-roupa de D. Manuel, ao tempo da sua morte, havia já, apenas para seu uso, «*cincoenta adagas preciosas, vinte e oito espadas guarnecidas d'ouro e prata, quarenta e dois estoques com punhos d'ouro esmaltados*»,—isto em contraste flagrante com a pobreza da roupa branca, onde apenas se arrolaram... tres pares de ceroulas de Hollanda! No fim do seculo XVI, os nossos armeiros começam tambem a trabalhar. N'algumas *rapières* seiscentistas apparecem nomes de espadeiros portuguezes. É d'esse tempo um bello exemplar da collecção do sr. Jayme Couvreur,—espada de copos de tigella com gravados toscos, quartões rectos, punho de fio de metal branco, e folha larga, ondeada, tendo d'um lado a legenda—*Em Lisboa, na 1633*, e do outro—*Antonio Carvalho*. Foi o reinado da espada de ferro «cortadeira e teza», solida e forte, das legendas christãs e amorosas, das bainhas de couro pontadas e pobres,—da dextreza, ad força, da temeridade. Depois, no fim do seculo XVII, os costumes modificaram-se, amolleceram, perdeu-se o velho feitio portuguez, sobrio e rude, e o alferes Martim Affonso de Miranda, um puro e um simples, começou a lamentar-se no seu curiosissimo livro—*Tempos d'Agora*: «*N'esse tempo não havia martinetes, trancelins d'ouro e diamantes, manteos abertos e azulados, não se vestiam de velludos, setins, tellas e outras superfluidades; não se traziam meias de sêda, ligas de tres e quatro covados de tafetá, não havia espadas doiradas e prateadas com uns cintos e talabartes bordados,—porque os trancelins eram véos da China, as sêdas, ferragoulos e pellotes de dozeno e vintadozeno, as meias de seda eram umas boas botas, e as espadas de ferro todas e de quatro palmos*». Estavamos na transição. D'ahi para as «espadas de tauxia», para os espadins de côrte do seculo XVIII, para o *quitó doirado* dos casquilhos, foi apenas um curto passo. Eram esses os espadins com que se batiam os «capotes brancos». Foi com uma d'essas joias de côrte que o conde de S. Vicente mandou atravessar pelas costas, na travessa da Espera, o mestre de campo Teixeira Homem,—que lhe roubara a *Esteireira*, uma comica do theatro do Salitre. Foi ainda de dois floretes de punho doirado, dois pequenos brinquedos inoffensivos, que se muniu uma dama qualquer, especie degenerada de mademoiselle de Maupin, para ir desafiar em duello,—ella em pessoa!—ao Campo Grande, o infante D. Miguel que a ludibriára...

Estava morto em Portugal, irremediavelmente, o tempo das espadas e dos espadachins. D'então por diante, toda a gente poude mandar pôr na sua sepultura aquelle epitaphio celebre encontrado um dia no convento de S. Francisco de Santarem:

«*Aqui jaz um homem fidalgo, que trouxe espada e ninguem matou com ella.*»

J. D.

O CASAMENTO DO REI DE HESPANHA

-O comboio real que conduziu a princeza Victoria, chegando ao apeadeiro do Pardo; 2—A princeza Victoria e o rei de Hespanha desembarcando do comboio real no apeadeiro do Pardo; 3—A princeza Victoria á janella do salão real, antes do desembarque; 4 — Retrato dos noivos, tirado no palacio do Pardo, dois dias antes do casamento

O CASAMENTO DO REI DE HESPANHA

1 — Os convidados descendo a escadaria da egreja de S. Jeronymo depois da cerimonia matrimonial; 2—O rei e a rainha de Hespanha descendo a escadaria de S. Jeronymo, entre os alabardeiros, para entrarem para o coche real; 3—O primeiro retrato dos reis de Hespanha

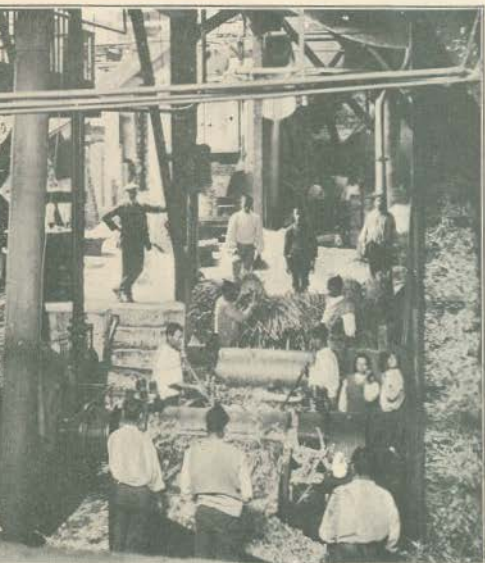
O CASAMENTO DO REI DE HESPANHA

1 — Instantes depois do attentado. O coche real, desatrellado, em frente á casa de onde Mateo Moral lançou a bomba. Junto do coche um dos cavallos de tiro estendido morto na calçada; 2—Os principes estrangeiros commentando o attentado na *calle* Mayor; 3—A corrida real; o cortejo deante do camarote real; 4 — Aspecto de um «tendido» de sombra na tourada real; 5 — Um aspecto do cortejo nupcial nas ruas de Madrid

GRUPO DE CONVIDADOS DOS SRS. MARQUEZES DE GUELL PARA O «FIVE-O'CLOCK» OFFERECIDO NA LEGAÇÃO DE HESPANHA NO DIA DO CASAMENTO DO REI DE HESPANHA

Da esquerda—*As filhas dos srs. condes de Taronca—D. Laura Serodio—D. Maria Guell—D. Olga Pinto Basto—D. Christina Guell—Madame Soares Cardoso—Ministra da Austria—Duqueza de Avila e Bolama—Ministro da Austria—Condessa de Tattenbach—Valerio Villaça—Antonio Pinto Basto—Ministro do Brazil—Barão de Senden—Ministra da Hollanda—Mesdemoiselles Adelia e Luiza Van Eps—Ministro da Allemanha—Consul de Hespanha—Carlos Soares Cardoso—D. Maria Montalvo—Marquez de Guell—Marquez de Avila—D. Josephina Ribeiro da Cunha—D. Alice Ferreira Pinto—Condessa de Sabrosa—Condessa de Taronca—Marqueza de Guell—Affonso Boscigne*

(CLICHÉ DE APOLINAR CONTRERAS PIÑEIRO)

O Fabrico do Assucar na Madeira

A OBRA INDUSTRIAL DE MR. WILLIAM HINTON E HENRY HINTON ◎ A FABRICA DO TORREÃO, OU UM MODELO DE FABRICA ASSUCAREIRA ◎ A PERFEIÇÃO DOS SEUS APPARELHOS, DOS SEUS PROCESSOS E DAS SUAS FUNCÇÕES ◎ A EXCELLENCIA E PUREZA DO SEU PRODUCTO ◎ A IMPORTANCIA DOS SEUS RESULTADOS ECONOMICOS

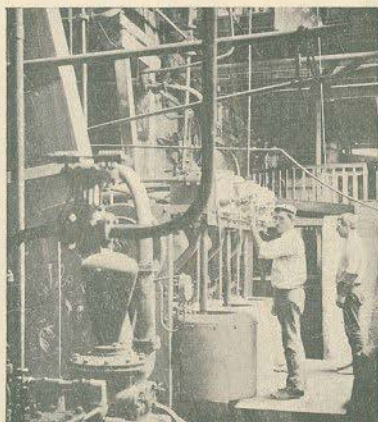
Na margem esquerda da pittoresca ribeira de Santa Luzia, que divide quasi ao meio o maravilhoso amphitheatro da cidade do Funchal, ergue-se o primacial estabelecimento fabril da Madeira, como vigoroso e util monumento da tenacidade humana.

Assentando-se magnificamente no soberbo valle que a oeste se encosta de repente aos alcantis de basalto coroados pelo *Paiol* e a leste se confunde com ascendentes collinas povoadas de quintas e fazendas viridentes, aquelle completo engenho productor de assucar e alcool, assombreado na frente pelos magestosos platanos da rua das Arvores, ao pé da qual descem fios de agua entre inhamaes viçosos, e cingido e dominado na retaguarda por cannaviaes saccharinos, é uma viva representação do mais alto progresso industrial no mais bello trecho do territorio africano, ou porventura no mais surprehendente jardim do mundo.

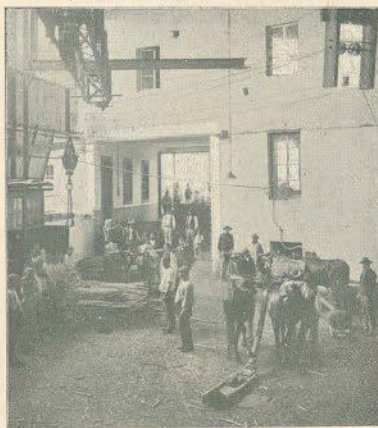
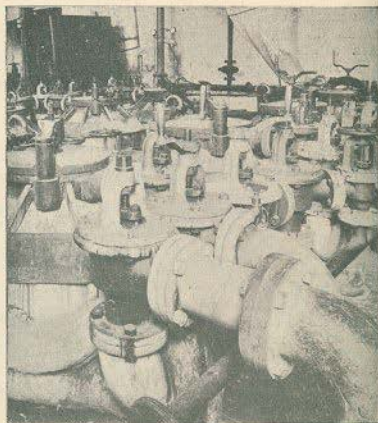
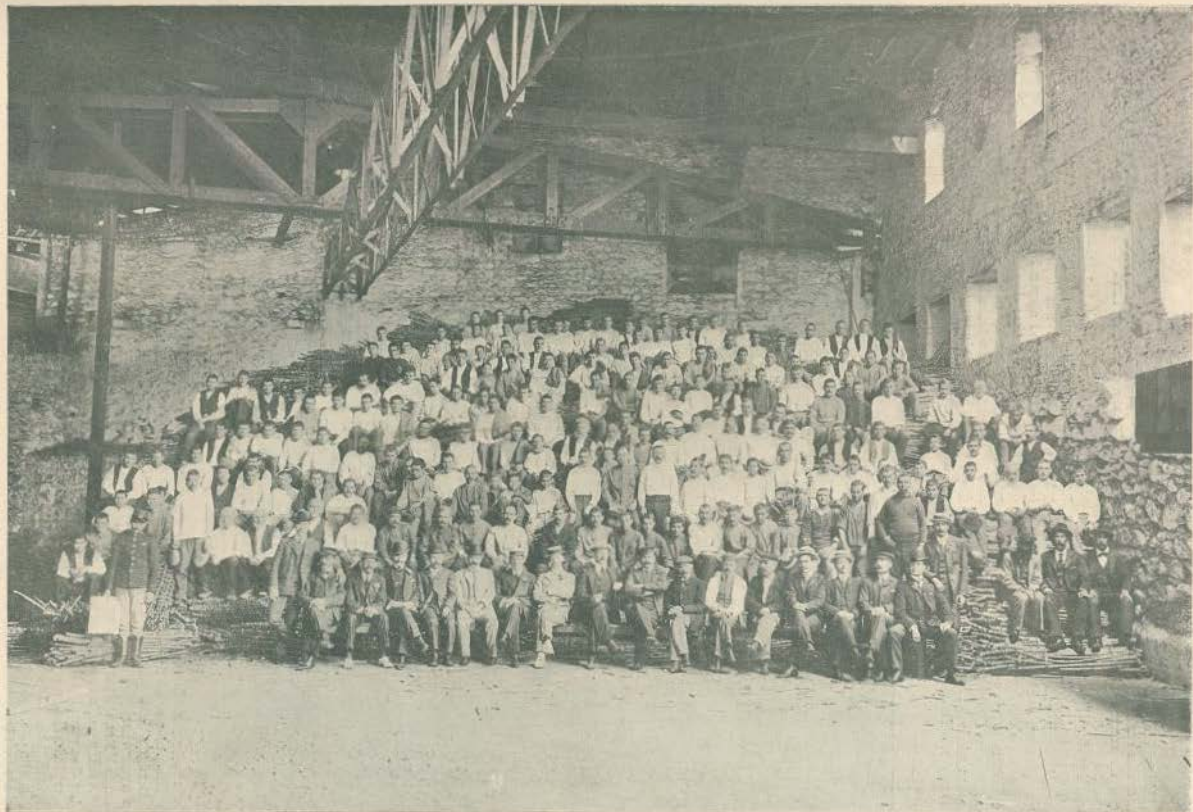
O sr. Henry Hinton, proprietario da fabrica do Torreão

Estabelecida em 1859 por mr. William Hinton, um dos mais sympathicos enobres inglezes que fixaram a sua residencia na *Perola do Atlantico*, a *Fabrica do Torreão* tem sido, durante quasi meio seculo, pela seriedade, sensatez, iniciativa, credito e capital dos seus bemquistos proprietarios, o elemento solido e resistente de que mais dependem a conservação e o equilibrio das duas culturas tradicionaes do archipelago.

De varias emprezas que successivamente se constituiram para o exercicio da mesma industria, al-

Rua das arvores—Entrada da fabrica e escriptorio

Centrifugas para seccagem do assucar

gumas em circumstancias que pareciam augurar nunca vistas prosperidades, só prevaleceu a d'esse honrado e prestigioso estrangeiro, que, tendo-se identificado com os summos interesses da sua patria adoptiva, onde decorreu quasi toda a sua longa vida, lá vinculou o seu nome distincto e abençoado em caracteres inextinguiveis. Sem esse factor mais perseverante do que a adversidade, a co-existencia dos cannaviaes e dos vinhedos, base de toda a lavoura, e portanto de toda a economia da Madeira, teria sido impossibilitada já por malogros, desastres e deficiencias irremediaveis.

Cançadas as energias pujantes do solo; encarecida por todas as formas a producção agricola; substituidas as antigas plantas saccharinas por outras mais resistentes, que davam menos assucar e tinham de ser compradas por mais altos preços,

Entrada da fabrica e balança de pezar as cannas

Apparelho patente de diffusão do bagaço

Armazem das cannas e grupo do proprietario, empregados e parte do pessoal operario

mr. Henry Hinton, actual dono da *Fabrica do Torreão*, soube corresponder brilhantemente á pesada missão de continuar a grande obra industrial de seu pae.

Intelligente, illustrado, activo, emprehendedor, viu que só podia triumphar das difficuldades pelos aperfeiçoamentos da sciencia, e foi adoptando os que já eram conhecidos e executados lá fóra, e tratando de descobrir os que a situação requeria do seu estudo, sob pena de naufragios funestos á sua casa e ao districto do Funchal.

De um só jacto, proprio do seu arrojo e da sua confiança no futuro, depois de haver visitado as mais modernas fabricas de França, remodelou completamente a do *Torreão*, dispendendo 150 contos de réis n'esta previdencia quasi semelhante a uma aventura.

Longe de repousar após esta reconstituição proficua, todos os annos adopta innovações, ora copiadas dos grandes estabelecimentos europeus, ora suggeridas pelo seu proprio espirito investigador.

Uma d'essas invenções, coroando outra de Naudet, acaba de ser objecto de uma patente, concedida a mr. Hinton pelo governo portuguez. Referimo-nos á *circulação forçada*, pela qual se extrahe da canna quasi todo o assucar n'ella contido: mais 20 por cento do que pelos outros melhores meios usados. A fabrica Hinton foi a primeira de todo o mundo onde se applicou esta descoberta destinada a realisar uma das maiores evoluções economicas.

Entre os estabelecimentos fabris de qualquer natureza, hoje existentes em Portugal, o do *Torreão* occupa um dos logares proeminentes, pela perfeição dos apparelhos, dos processos e das funcções. E é fóra de duvida que nenhum outro produz o assucar em tanta conformidade com as exigencias da technica e do consumo.

Nem deixaremos de rememorar que é genuinamente madeirense esta fabrica digna de figurar na relação das melhores do mundo. Madeirense é o proprietario, embora conserve os seus fóros de cidadão britannico; madeirenses os empregados, á excepção de quatro—dois inglezes e dois francezes; madeirenses todos os operarios.

Caldeiras de vacuo para crystallisação

◎

A fabrica do *Torreão* que, successivamente augmentada, tem hoje uma frente de 180 metros, dispõe realmente de todos os machinismos mais perfeitos empregados cá fóra na producção do assucar e do alcool, sendo admirada por todos os estrangeiros que a visitam.

A energia motriz é fornecida por tres grandes caldeiras de vapor, systema *water tube*, de Babcock & Wilcox, com a força total de 600 cavallos.

O consumo diario da fabrica é de 200:000 kilos de canna saccharina, representando um valor medio de 3:200$000 réis. A laboração de cada colheita dura approximadamente cem dias, sem paragens, occupando cêrca de 300 operarios.

A canna é conduzida para o estabelecimento em *corças* tiradas a bois. Uma balança automatica regista o preço total de cada *corçada*, fazendo-se o trasbordo rapidamente para vastos armazens.

A expremedura é feita por dois poderosos engenhos, onde a maior parte do summo é logo extrahido. O bagaço que resulta d'esta operação inicial contem ainda uma grande quantidade de assucar e dirige-se por um elevador mechanico para um andar superior, onde é introduzido no apparelho de diffusão para ser tratado pelo *processo Hinton-Naudet*.

Por este meio aperfeiçoado consegue-se tirar quasi todo o assucar ainda existente no bagaço, havendo apenas uma perda total de menos de meio por cento. A' medida que se faz este aproveitamento quasi absoluto da materia saccharina, realisa-se no mesmo apparelho a defecação e filtração da garapa ou summo da canna, havendo em tudo uma grande economia de força, de trabalho e de tempo.

O liquido assim purificado segue logo para os machinismos de evaporação e crystalisação, que na fabrica Hinton são tambem os mais modernos e aperfeiçoados.

O fabrico é feito sob a direcção e fiscalisação de um chimico francez, que dispõe de um grande laboratorio para a analyse constante da canna, da garapa e do assucar. Este é produzido em *crystaes*, e é de tres qualidades, sendo o de primeira um assucar scintillante, que polarisa 99.5 por cento.

Desde o começo até o fim, todas as operações são feitas mechanicamente, de modo que o summo da canna e o assucar nunca estão em contacto com as mãos do pessoal, apresentando o producto uma limpeza e pureza completas.

Como todos os assucares da fabrica Hinton são *crystalisados*, são absolutamente impossiveis as falsificações.

Tudo se realisa, pois, n'esta fabrica, segundo as exigencias, processos e cuidados da mais adiantada technica, resultando de tão satisfactoria organisação industrial o maximo aproveitamento economico da materia prima e a maxima perfeição substancial do producto.

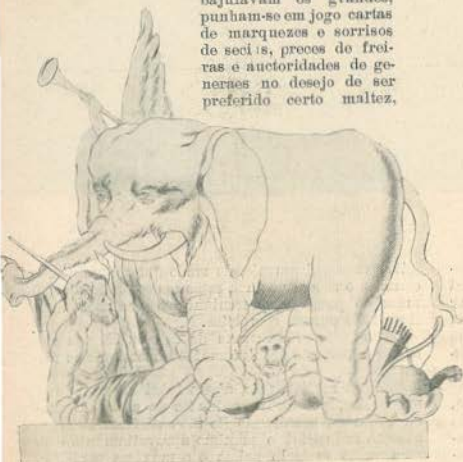
J. A.

DA ESTATUA

Fez 131 annos a 6 de junho que se inaugurou a estatua do rei D. José—a mais antiga das estatuas de Lisboa—cuja historia vamos recordar, passado mais d'um seculo em que ella tem sido alvo de tantas admirações.

Joaquim Machado de Castro, o esculptor que trabalhou a estatua equestre, era por aquelle tempo um pobre artista, sem relações entre a nobreza boa apadrinhadora e entre os casacas de briche—os mercadores de pôlpa—já então useiros em visitas ao marquez de Pombal que esbofeteava a fidalguia sentando á sua mesa os burguezes abastados. Na côrte moviam-se empenhos para ser entregue o trabalho do monumento a artistas que mais bajulavam os grandes, punham-se em jogo cartas de marquezes e sorrisos de secias, preces de freiras e auctoridades de generaes no desejo de ser preferido certo maltez, da escola de Italia, fabricante de estatuetas gaiatas e de figurinhas hieraticas em marfim que muito o tinham consagrado no conceito das damas e peraltas.

Machado de Castro, conhecido apenas entre gentes do mister, desde os grandes architectos aos simples alvineis, estava em Mafra ganhando a vida, longe de protecções e sendo pouco attreito a mesuras nem pensava em requerer o encargo que era necessario mendigar de sorriso na bocca e chapéu na mão.

De certo que á sua imaginação larga de grandioso artista devia assomar por mais de uma vez o desejo de tomar essa enorme praça, com os seus 793:664 palmos quadrados, onde cabem noventa mil homens, e n'ella elevar o monumento bem digno do terreiro vasto, da antecamara da cidade que renascia das cinzas do terremoto, em frente do Tejo pejado de naus

Projectos de Eugenio dos Santos para o grupo ornamental symbolisando a Asia calcando a America

estrangeiras. Trabalhando o seu baixo relevo no descampado de Mafra, o esculptor devia evocar essa Lisboa que resurgia, os torreões da praça a crescerem, as ruas a alargarem-se com as lojas novas nos seus sitios separados, os ourives do ouro e os volanteiros, os mercadores de seda e os douradores, os quinquilheiros e os espiceiros fazendo já os seus traficos, o Arsenal de Marinha onde havia cavernames de naus e esqueletos largos de churriões, toda a azafama d'uma cidade que queria ganhar o tempo perdido e que se expunha renovada e mais bella aos olhos da Europa e á entrada da qual essa estatua do rei José seria o triumpho do rei e a consagração do artista que a elevasse.

Peças da armadura, que serviram a Machado de Castro para a modelação da estatua

Ao mesmo tempo, sabedor do que se passava, deixava-se ficar no seu trabalho, n'aquelle desterro de Mafra e ainda ao receber uma carta de convite para se encarregar da execução do monumento, julgando que só por descargo de consciencia o convidavam, ficou mais d'um mez sem ir a Lisboa deixando que entregassem as obras ao maltez que antevia vencedor mercê das influencias. Mas ao cabo d'esse tempo veiu-lhe um rompante corajoso, a sua veia de artista encheu-se do plano d'essa estatua e então veiu de corrida, entrou na sala do risco das obras publicas, onde Reynaldo Manuel dos Santos, architecto da cidade, o esperava, já pouco confiado no engenho do maltez. Machado de Castro, com esse enthusiasmo que nos artistas é quasi loucura, explicou-lhe logo o seu plano, traçou com o seu gesto arrebatado a estatua que sonhara e na qual collocava o rei José vestido á romana, de toga como supremo magistrado, coroado de louros em toda a sua gloria, como convinha a um soberano que não andára em guerras, que não entrara em refregas, mas soubera ser grande—dizia elle—na sua anciedade. Quem sabe o sonho largo que o esculptor explanou, as allegorias que engendrou, as figuras soberbas que fez surgir, todo o plano que lhe acudiu aos labios ha tanto tempo mudos para cousas d'arte n'esse exilio de Mafra! Diante dos olhos admirados do architecto que de idéas soberbas não aventaria?! E que desillusão quando este, penalisado, com um ar de creatura subjugada, lhe diria existir já um plano que não seria alterado. Um plano?! Trabalhar sobre um plano d'outro?! Pouco faltou para recusar o encargo, mas tentou-o a esperança de modificar tudo. Todo esse desenho era de Eugenio dos Santos, capitão d'engenheiros, affecto a Pombal, que fizera o risco da praça e do monumento e morrera no anno anterior sem vêr a estatua começada. Nem pela vontade real o plano seria alterado. O monumento devia ser aquillo. D. José armado como para batalha, encarapuçado no capacete de plumas, sem manto, montado n'um cavallo sob cujas patas repousava um leão. Em volta os grupos que lá se vêem: a Europa, representada n'um cavallo pisando a Africa; a Asia symbolisada n'um elephante calcando a America e duas figuras da Fama engalanando o monumento.

A Europa calcando a Africa
Projecto primitivo do engenheiro Eugenio dos Santos, antes das modificações introduzidas por Joaquim Machado de Castro

Machado de Castro achou tudo mau; embirrou com o leão e com o rei a cavallo, clamou, barafustou, teve o argumento maximo de que a Europa e a Asia, então as partes mais poderosas do globo, estavam representadas por bestas e a Africa e a America por pessoas. O architecto sorriu, encolheu os hombros, deu-lhe razão, mas continuou a dizer-lhe que não se podia alterar cousa alguma.

Acceitou então o trabalho, mas quiz desligar o seu nome d'esse projecto inicial e mandou attestar por Antonio Stoppani, desenhador e deante do tabellião Antonio Januario Cordeiro, serem aquelles desenhos de Eugenio dos Santos. Agora tratava-se da execução e foi ali que elle poz toda a sua grande alma d'artista, todo o seu talento d'inspirado.

Desenho de Joaquim Machado de Castro para o projecto definitivo da estatua

Foi encontrar-se com o estribeiro-mór da Casa Real — esse donairoso e bravo Marialva, o pae do conde d'Arcos morto por um touro em Salvaterra — o pediu-lhe conselhos ácêrca da posição em que o cavallo devia ficar para melhor mostrar o seu garbo e perfeições. O marquez — o melhor cavalleiro das Hespanhas — levou-o ás estrebarias de Belem, mandou trazer ao picadeiro vastissimo os melhores cavallos, obrigou-os a soberbas posições e deliberou com o esculptor ser mais elegante a de *piaffer* em que ficou o corcel da estatua equestre. Machado de Castro fez a modelação no picadeiro deante da mais bella estampado tempo, o alazão *Gentil*, e servindo-se tambem d'outros cavallos de boa raça, como os *Machado*, *Arisco* e *Belem*.

Sollicitou então de D. José I licença para modelar á sua vista a real physionomia e o soberano recusou apesar das instancias do artista, que insistia; mas já rabujento, com os seus 61 annos, o rei teimou e não lhe consentiu a mais simples sessão. E Machado de Castro, como louco, querendo levar a cabo a obra, espionava o monarcha, collocava-se no seu caminho, andava ancioso por guardar na retina aquellas feições banaes a que desejava dar cunho no bronze e teve que limitar-se a copiar a gravura de Carpinetti e a buscar parecenças n'uma moeda d'oiro. Depois aquelle capacete de pennas e aquella armadura irritavam-no; partidario do nú na estatuaria via-se obrigado a fazer uma carapaça para cobrir fórmas e então vestiu-o na armadura, mas deixou sem luvas as mãos do rei que modelou pelas proprias; engalanou-o com um manto, tirou o leão — aquelle leão com que tanto embirrava sob as patas do corcel — declarando não ter tempo para o fazer, transmudou em Triumpho uma das estatuas da Fama, em vez de esporas collocou puas nos botins reaes e assim offereceu a Pombal o primeiro modelo em cêra que ainda hoje existe na quinta d'Oeiras. O segundo modelo foi feito em barro e o terceiro em estuque e assim levemente

Projecto primitivo da estatua pelo engenheiro Eugenio dos Santos

Reducção em da estatua existente no museu de artilharia

Projecto primitivo da estatua por Eugenio dos Santos

modificado entregou em março de 1772 a estatua na Fundição, de que era director o brigadeiro Bartholomeu da Costa. Fez-se ainda retoques e, em outubro de 1774, levou-se a cabo o trabalho. Fundiram-se 656 quintaes de bronze, que escorreu para o modelo, o qual levou apenas 500 quintaes e mais 100 de ferro na armação interior. O artista começou então a cinzelar e durante sessenta e tres dias, com oitenta e tres operarios, viveu no Arsenal do Exercito a aperfeiçoar a obra.

Entretanto armava-se um pavilhão junto ao pedestal da estatua, vieram alvineis e esculptores de pouca nomeada que iam affeiçoando as pedras das figuras lateraes que desejava inteiriças. Foi a Pero Pinheiro procurar marmore liós que lhe servisse, mas teve que desistir, porque eram necessarias duas pedras de 17 palmos de comprido, 18 d'alto e 10 de grossura que não foi possivel encontrar, fazendo-se por isso as figuras em dez pedaços de marmore por cada grupo.

A obra estava a caminho; o esculptor, como todos os artistas, devia estar ancioso d'opiniões, devia ter no fundo da alma a duvida, principalmente porque não trabalhara a planta. Mas certamente ia ouvir louvores. A côrte escudeirando o rei e a rainha foi ao Arsenal a 15 de maio de 1775; rodeou-se a estatua, os operarios quasi ajoelharam, Bartholomeu da Costa ouvia elogios pela fundição e de repente, no meio de toda aquella pompa, a cabecita da rainha, com um alarme de plumas na architectura do penteado, voltou-se para o esculptor, que sorria, e dos labios da soberana saiu a seguinte phrase: O rosto d'el-rei está horrendo!

Machado de Castro empallideceu; cordou-se recertamente das recusas que obtivera quando pedia para fazer a modelação deante do monarcha, soffreu rudemente com aquelle golpe e elle, que se fôra um artista de hoje teria dito as razões que lhe acudissem, limitou-se a pedir ao marquez de Marialva que indicasse a Sua Magestade o logar d'onde poderia vêr melhor, pois que estava mal collocada.

Tudo foi baldado... Para a rainha a estatua estava horrenda; para a côrte ella era... monstruosa!

⊛

Já farto de trabalhos, desanimado com as palavras da soberana, viu suspender do forno a 20 de maio a estatua, que a 21 se collocava no carro que a devia conduzir, e no dia seguinte, puxada por mil e tantos homens, a viatura rodou pelas ruas atulhadas de curiosos, que olhavam pasmados aquella massa de bronze arrastada por tanta gente até á praça publica, n'um symbolo do peso d'uma monarchia tirada por uma turba sacrificada. Erguera-se um apparelho da invenção do sota-patrão do Arsenal de Marinha José dos Santos.

A Asia calcando a America
Grupo ornamental, projecto primitivo do engenheiro (Eugenio dos Santos, modificado por Machado de Castro)

defronte collocara-se um andaime; tratava-se agora de içar a estatua para o pedestal.

Dias antes Machado de Castro fôra á *Quinta do Meio* mostrar ao rei o elephante que tinha modelado e ao mesmo tempo corrigil-o deante d'um exemplar que D. José lhe mostrou dizendo-lhe cousas amaveis perante os marquezes d'Alvito, Marialva e Angeja e do desembargador Villares que o acompanhavam. Mas de chofre, encostando-se á bengala alta, lançando-lhe um olhar por detraz da luneta de ouro, á Pombal, disse-lhe que o braço esquerdo da estatua não estava bem perpendicular, mas que tudo se remediaria se dessem ao

A Europa calcando a Africa
Grupo ornamental projecto de Eugenio dos Santos modificado por Machado de Castro

necessario calcar para as reformas da cidade, as silvas o dos obstaculos que foi necessario vencer.

Faltava ainda um baixo relevo que o esculptor achava preciso para não ficar a pedra nua mas essa parte mais bella do monumento começada em 1775 só foi concluida em 1795 depois d'apeado da fachada o medalhão do marquez de Pombal, que vingativamente D. Maria I mandou retirar d'ali e D. Pedro IV lá mandou collocar novamente.

O baixo relevo apresenta a *Virtade*, junto d'um leão seu symbolo, de pé, n'um solio, e Lisboa por terra buscando erguer-se. O *Governo da Republica* quer ajudal-a e avança de capacete e armado, mas não póde levar a cabo esse feito, e então o *Amor da Virtude*, um pequeno Cupido, leva-o até á *Generosidade Régia* que o attende. Do lado opposto o *Commercio* abre a sua caixa cheia d'oiro a offerecel-o e a *Architectura* apparece com a planta da cidade ao lado da *Providencia Humana*.

Começaram os festas da inauguração da estatua a 6 de junho e duraram até 8. Encheram-se de sanefas as janellas das secretarias que se iam installando, levantaram-se palanques debaixo das arcadas, ergueu-se uma torre de madeira com quatro portas na extremidade do caes e onde havia as estatuas da *Magnificencia*, da *Monarchia*, da *Fecundidade Perpetua* e

cavallo uma escassa inclinação para a direita. O esculptor, que já reparara no defeito, agradeceu a el-rei a advertencia e jurou emendar tudo conforme o real conselho.

No dia em que se fez o assentamento estava o terreiro rodeado de tropas; o povo cá de largo assistia ao espectaculo até então nunca visto, soavam as vozes dos homens içando o grandioso bronze, luziam as alabardas contendo a turba e no meio d'aquelle tumultuar, no terreiro, no calor ardente da praça, Machado de Castro sobre o andaime assistia á subida d'aquellas 31 palmas de bronze para corrigir o defeito com a inclinação aconselhada. De repente, atravessando por entre os moços que puxavam a corrente do engenho, empurrando os magotes dos ganhões atarefados, um tenente do regimento que guardava o pedestal ordenou ao esculptor que descesse, pois recebera ordens para não consentir ali pessoa alguma. Mostra-lhe que está em serviço, invoca a sua qualidade de auctor da estatua, declara-lhe que deve assistir áquelle trabalho, mas tudo se abafa deante da bruta disciplina do official educado pelo conde de Lippe e que, ameaçando empregar a força, expulsa d'ali o grande artista. A estatua ficou torta; ficou inclinada para a esquerda, e como se vissem tambem os espeques que seguram as patas do cavallo, Machado de Castro lembrou-se de collocar debaixo d'ellas as serpentes e os silvados que são no seu dizer tambem symbolos: as serpentes o dos abusos que foi

Cabrea imaginada pelo sota-patrão do Arsenal de Marinha José dos Santos para içar a estatua até ao pedestal

do *Contentamento Publico*, ousado symbolo este ultimo, pois o povo devia estar desesperado com as enormes despezas que se fizeram e, sobretudo com os grandes tributos que lhe lançaram e que, segundo se disse, muito aproveitaram ao seu juiz, o correeiro Manuel José Gonçalves, sectario de Pombal. Só a céia do rei custou quatro contos, o que com varias despezas fez chegar a 40:703$555 réis as contas das régias ucharias. A David Peres, que compozera a cantata *Eroe Coronado*, que se tocou no baile da Alfandega e aos seus musicos foram distribuidos setecentos mil réis por uma noite.

Na Imprensa Régia houve ordem para se imprimirem todos os trabalhos poeticos relativos á estatua e appareceram 659 composições que foram distribuidas no Terreiro do Paço pelos dignitarios e pela nobreza, por toda a agaloada turba que assistia á inauguração com a familia real, que occupava o torreão occidental.

O marquez de Pombal veiu da Ajuda no melhor coche de gala rodeado de tropas, cercado de pompas, precedido pela nobreza, como o verdadeiro heroe da festa, e emquanto todos corriam para elle no momento de se apear, entrou no Terreiro o carro allegorico da *Memoria*, puxado por seis urcos e derramando flôres pela praça atroada d'acclamações festivas. A estatua estava coberta com um panno carmezim e Reynaldo dos Santos, o architecto, Machado de Castro, o esculptor, dois mestres d'obras, o Cangalho e o Silva Guião entregaram as pontas da cobertura ao marquez de Pombal, ao conde d'Oeiras e a Cruz Sobal, que era inspector das obras publicas. Os arautos de Portugal,

Projecto definitivo para a estatua equestre de D. José, por Joaquim Machado de Castro

Molde de gesso em que foi fundida a estatua no Arsenal do Exercito

Gôa e Algarve soltaram os seus gritos:

—Viva D. José I, rei de Portugal!...

E n'aquella tarde de junho, deante do rio onde estavam os barcos empavezados, com a praça cheia de gente da maior nobreza, luzindo ao sol o ouro das fardas, os brilhantes das gargalheiras e dos penteados altos, n'uma exhibição enorme de riquezas, de formosuras e de pompas, tocaram os atabales e os clarins, rufaram os tambores, abateram-se as bandeiras dos regimentos vestidos de sedas e cujas armas fulguravam, troaram os canhões; e os arautos, com os peitos esquartelados, gritavam ainda o nome d'esse soberano valetudinario que vinha descendo encostado ao bastão e pelo braço do ministro até á estatua equestre onde o derradeiro sol da tarde accendia um resplendor. A côrte seguiu-o, foi tudo de turbilhão; depois soaram os commentarios. De repente Pombal empallidece; debaixo do seu medalhão alguem escrevera: *statua statuae*, como a censurarem-no pela ousadia d'ali se collocar sob o rei. Mas veiu o povo, aquillo foi apa-

gado e á noite já ninguem se lembrava do incidente deante das vinte e oito mil luzes que brilhavam no Terreiro do Paço.

Na casa do sello da Alfandega havia ceia lauta; estava lá a côrte. Gastaram-se seis contos em ornamentações e a nobreza foi obrigada a emprestar as baixellas onde os convidados do rei deviam comer a refeição pantagruelica de que se andava tratando desde um mez, superintendendo em tudo isso Estevão Mancilla, o mordomo de Pombal, a quem se deram 400$000 réis de gratificação com grande escandalo publico, ao que parece. O marquez de Pombal dançou com a embaixatriz de Hespanha; a côrte folgou e o meu, a musica foi bella, a refeição excellente, a prodigalidade louca, por toda a parte o exaggero realengo mas aproveitado vergonhosamente.

Modelo em cêra da estatua equestre de D. José offerecido pelo esculptor ao marquez de Pombal e ainda hoje conservado no palacio de Oeiras

A *Junta do Commercio* comprou tres mil arrobas de bolos para as tres noites e no fim da primeira achava-se com cincoenta. Houve um verdadeiro assalto: viam-se fidalgos enchendo as algibeiras das vestes, frades que atafulhavam de guloseimas os vãos dos habitos novos.

Na *Casa dos Vinte e Quatro*, a desordem foi enorme; tinham-se convidado 160 pessoas e entraram mil. A nobreza tambem appareceu, tambem se locupletou com a comida da gente do Senado.

Baixo relevo da estatua
Desenho e projecto de Joaquim Machado de Castro

Mas emquanto se dança n'Alfandega entre as ornamentações raras, emquanto se consomem arrobas de bolos na *Junta do Commercio* e se fazem escandalos na *Casa dos Vinte e Quatro* onde está Machado de Castro?! Qual seria o seu papel na festa?!

Apenas nos deixaram dito que pegou n'uma das pontas da cobertura e a entregou a Pombal: não o vemos citado n'essas ceias d'espavento, não o vemos felicitado pelo rei nem pela côrte e entre essas vinte e oito mil luzes da praça talvez elle estivesse deante da estatua a ouvir a opinião da turba que a invadira n'essa noite em que tilintavam as baixellas mais ricas do paiz e em que corriam a jorros os mais generosos vinhos da Companhia.

E ainda por ordem de Cruz Sobral, que lhe julgava talentos poeticos, fez versos ao soberano, foi obrigado a lisongear quando só elle devia ser applaudido.

Então o grande esculptor mostra-se pessimo poeta e escreve, referindo-se ao fundidor da estatua equestre e ao monumento:

Oh! quanto brilha a mole magestosa
Com a effigie em que o bronze se enriquece
Obra a mais primorosa
Que a fundição conhece
Fonte de viva chamma
Que do Costa pelo orbe estende a Fama!

N'aquelle dia satisfizeram-se tres vaidades: a do marquez, a do rei e a de Bartholomeu da Costa! A do esculptor essa nunca seria satisfeita em sua vida. Só a posteridade lhe admirou o cinzel para lhe desdenhar a lyra.

ROCHA MARTINS.

O ESTABELECIMENTO DA INQUISIÇÃO E A BULLA DE PAULO III ◎ O REI, O POVO E OS FRADES ◎ OS PRIMEIROS INQUISIDORES: O BISPO DE CEUTA, O CARDEAL D. HENRIQUF, O ARCEBISPO D. JORGE D'ALMEIDA ◎ UMA ALLUCINAÇÃO COLLECTIVA ◎ A MULTIDÃO ◎ A ESTATISTICA DAS VICTIMAS DE TORQUEMADA.

Foi no dia 23 de março de 1536 que chegou á côrte a bulla de Paulo III, estabelecendo definitivamente o tribunal da Santa Inquisição em Portugal. É uma data celebre.

O povo e os frades — especialmente os frades — para quem as communas judias de mercadores e de sabios, de usurarios, e de ichacorvos, de joalheiros e de medicos, eram uma provocação e uma blasphemia constante,— exultaram e percorreram as ruas, em turbas-multas, os habitos arregaçados, os rosarios pendentes, as faces rubras e appopleticas. O rei, um imbecil apathico, inchado, doente, embrulhado n'um mongil pardo com capello, rodeado de dominicanos e de bispos, de parasitas e de doutores, — louvava a Deus, no oratorio do Paço, convencido acima de tudo do seu prestigio junto da curia romana e da excellencia indubitavel dos seus embaixadores. Estava, finalmente, conseguido o grande sonho de D. João III. A bulla do Santo Padre nomeava quatro inquisidores em Portugal,—os bispos de Coimbra, Lamego, Ceuta, e um doutor em theologia da livre escolha do rei,— e dava-lhes a faculdade de proceder contra os herejes juntamente com o ordinario diocesano. Antes, por conseguinte, do curioso episodio do falso nuncio Pedro Saavedra, que se vestiu de vermelho como legado *a latere*, intrujou o rei, falsificou um breve pontificio e deu mais tarde assumpto para uma comedia a um poeta castelhano,— quatro annos antes, nem menos — já a Inquisição existia em Portugal.

D'ahi a poucos mezes, D. Diogo da Silva, bispo de Ceuta e confessor do rei, era nomeado inquisidor-mór: foi o nosso frei Thomaz de Torquemada. A seguir, por morte do bispo (1539) subia á cadeira suprema o irmão do rei, o cardeal D. Henrique, outro imbecil purpurado que conseguiu seis votos

Um auto-de-fé no Terreiro do Paço da Ribeira.—Gravura em cobre, do tempo

O sambenito dos que eram queimados vivos.

para Papa, por morte de Paulo III, que no fim da vida se alimentou de leite de mulher e que aos oitenta annos pensava ainda em ter um filho para herdeiro da corôa: foi o nosso D. Diogo Deza. Por fim, ao cardeal D. Henrique succedeu no desempenho do tenebroso cargo o arcebispo de Lisboa, D. Jorge d'Almeida, prelado arguto, intelligente, tortuoso, hypocrita: foi o nosso cardeal Cisneros. Estes tres homens, — depois Filippe II, mais tarde o povo inteiro, conseguiram radicar entre nós, como uma instituição sagrada e inamovivel, a maior monstruosidade de que poderia apojar-se o ventre d'um regimen auctoritario, centralisado e cezarista. A Santa Inquisição tornou-se tão indispensavel ao espirito do povo, nos seculos XVI e XVII, como as procissões e as touradas, os *lausperennes* e os jogos de cannas. Não foi apenas o fanatismo d'um rei a impol-a: foi toda a alma popular a reclamal-a, n'uma pavorosa, n'uma inexplicavel allucinação collectiva, em motins e em matanças, pelas egrejas e pelas praças, nos pulpitos eloquentes de S. Domingos e nas archibancadas plebéas das côrtes de Torres Novas. Era o odio ao judeu, ás suas terriveis aptidões chrematisticas, ao seu oiro aferrolhado, ás suas joias de ourives, á sua sciencia de medicos, ao seu infinito poder de absorpção, de infiltração, de dominação. As fogueiras atearam-se, ergueram-se pelos subterraneos bafientos as polés e os potros, desfilou pelas praças a procissão das carochas amarellas e das tochas accesas, — e emquanto a mitra do inquisidor e as lobas dos carrascos atravessavam os corredores do antigo paço dos Estáos, no bafio, na sombra, no silencio, emquanto os ossos estalavam nas aspas e as carnes crepitavam amarradas ao poste das fogueiras, — a multidão imbecil levantava as mãos ao ceu, agradecia a Deus a infinita piedade de lhe deixar exterminar os herejes, e ia ella propria, sem o sentir, sem se aperceber, povoando os carceres tenebrosos da Inquisição e avolumando as sentenças interminaveis dos relatores do Santo Officio.

Uma heroia que vae morrer no fogo

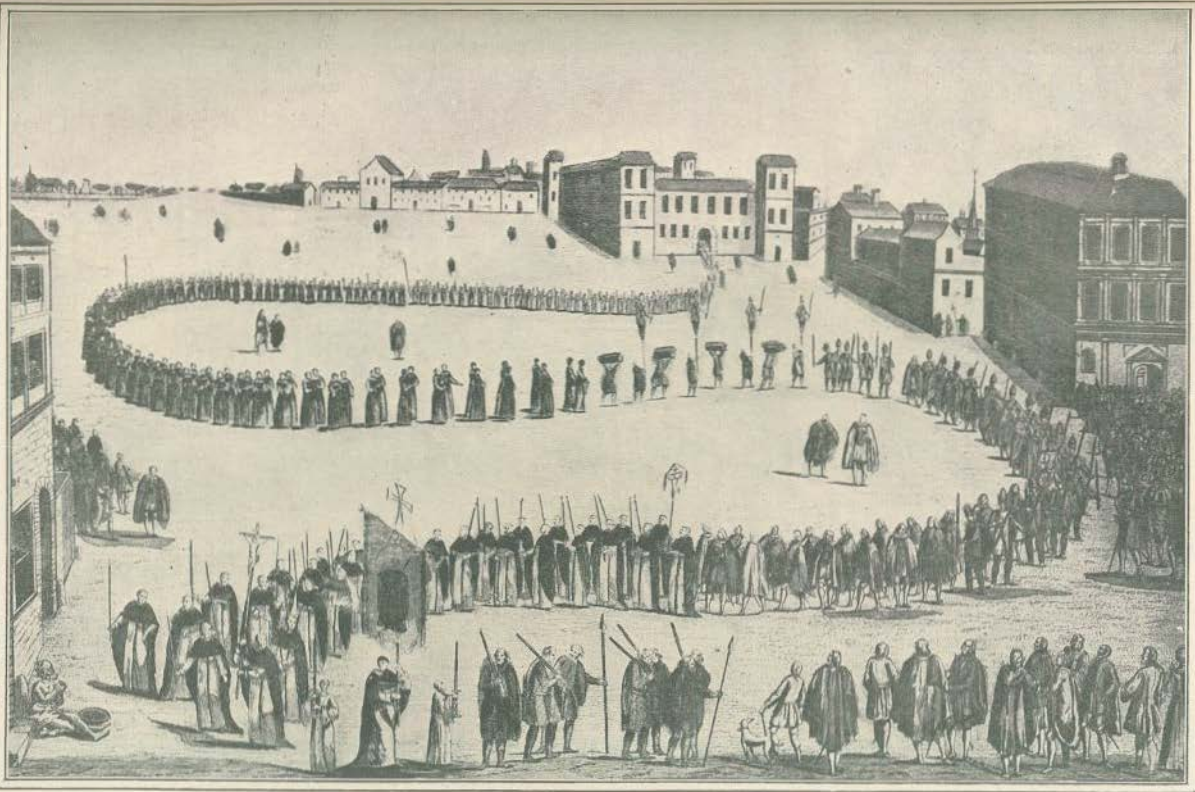
Um pittoresco historiador hespanhol que exhibiu o delirio da estatistica e o mais invejavel bom humor, teve a paciencia de fazer a conta ás victimas do primeiro inquisidor de Castella, frei Thomaz de Torquemada, durante os dezoito annos do seu ministerio inquisitorial: «*diez mil docientos y veinte personas que murieron en las llamas; seis mil ochocientos y sesenta que hiso quemar en effigie por morte ó ausencia de la persona; noventa y siete mil trescientos veinte y uno que castigó com infamia, confiscacion de bienes, carcel perpetua e inhabilidad para empleos com titulo de penitencia; todas las cuales tres clases componen ciento y catorce mil quatrocintas y una familias perdidas para siempre*». Quando um só inquisidor em Hespanha realisa semelhante devastação no periodo curto de 18 annos, — calcule-se quantos milhões de victimas não teriam feito em Portugal sessenta inquisidores no longo decorrer de tres seculos!

Mas Portugal tinha o que reclamara — e tinha o que merecia.

PORQUE CRIMES SE LEVAVA UM HOMEM Á FOGUEIRA ❁ «OS DELACTORES» ❁ O TERROR NEGRO ❁ QUEM ERAM OS «FAMILIARES» DO SANTO OFFICIO ❁ A POLICIA SECRETA DA INQUISIÇÃO ❁ COMO SE FAZIA UMA VICTIMA ❁ OS CARCERES DO SANTO TRIBUNAL ❁ A MAIOR TORTURA HUMANA ❁ O CARDEAL E A AMA MARIA DA MOTTA ❁ UM INQUISIDOR... QUE MAMAVA.

Pouco era preciso para se merecer a honra de ser perseguido pela Santa Inquisição. Os minimos pretextos bastavam. Uma palavra, um gesto, a sombra d'um pensamento, levavam aos carceres do Santo Officio. A delação era acceite, sem responsabilidade para o delator. Para os qualificadores dominicanos a calumnia era o unico crime para que não se conhecia punição. Os documentos anonymos faziam fé nos processos. Sobre uma infamia, sobre a reliquia d'uma vingança, sobre o residuo de um odio, sobre o capricho perverso do primeiro que passasse, — levantava-se um patibulo e ateava-se uma fogueira. Ás vezes, — quasi sempre — os processos inquisitoriaes tinham uma base ridicula e miseravel. Em 1591, foram mandados queimar, pelo Inquisidor de Braga, uma gentil dama Violante Mendes e seu marido Francisco Borges, por que um filhinho d'ambos fôra visto a brincar com «*uma bezerrinha de marfim que tinha as pernas quebradas e os corninhos espontados*». Em 1602 era relaxado ao lanço secular, garrotado e queimado n'um auto de fé de Lisboa, um pobre diabo judeu, Estevão Nunes, pelo grande crime de ter mandado forrar de seda um chapeu castorenho. Sobre uma phrase, sobre a intenção d'uma palavra, os relatores, os consultores, os qualificadores do Santo Officio architectavam processos immensos complicados, bysantinos, interminaveis. De todas as creaturas que passavam, rapidas como sombras, persignando-se e tremendo diante das paredes escuras do palacio da Inquisição, — não havia uma só que podesse ter a certeza de não ir lá dormir no dia seguinte. Era um verdadeiro Terror: era o Terror dominicano, era o terror da Egreja, era o Terror de escapulario negro, era o Terror de paramentos ricos. O povo soffria as consequencias da sua obra.

O sambenito com chammas invertidas que levavam os que eram garrotados e depois queimados.

Mas para que qualquer desgraçado fôsse anoitecer aos carceres inquisitoriaes não era absolutamente necessaria a delacção de um inimigo ou a calumnia de um invejoso. O Santo Tribunal possuia uma verdadeira policia secreta, sabiamente e systematicamente organisada, que se introduzia nas familias, que se insinuava, que se infiltrava sob a fórma ou sob o titulo vago de confessores, de medicos, de joalheiros, de serventuarios, captando, envolvendo, provocando confissões, devassando vidas privadas, — acabando por delatar, por atraiçoar, por enclausurar, por assassinar. Essa policia torpe e

A procissão dominicana de um Auto-de-Fé, saindo do Paço dos Estáos, no Rocio.—Seculo XVII.—Gravura do tempo.—A' frente os carvoeiros que hão de atear as fogueiras; seguem-se os frades de S. Domingos com o estandarte da Inquisição; depois os Familiares do Santo Officio, de capas brancas; em seguida os penitentes de carocha e sambenito com os confessores; no fim as estatuas dos ausentes e os ossos dos mortos em pequenas tumbas.

mysteriosa, onde havia de tudo, desde os nobres da mais pura costella d'ouro até aos aventureiros italianos e hespanhoes que a Inquisição alliciava, — era constituida pelos *Familiares* do Santo Officio. Uma palavra, um simples aceno de um d'esses homens, — e estava condemnada uma vida. Não havia remissão nem misericordia. Declarado suspeito, o pobre diabo que lhes cahia nas mãos, ou era immediatamente conduzido ao palacio da Inquisição por tres ou qutro creaturas de negro, com enormes mantéus brancos á hollandeza, ou no caso de fuga, requisitava-se a sua captura á justiça secular. Já em palacio faziam-lhe o summario da culpa, — e terminado elle, os mesmos *Familiares* de negro, sombrios como figuras de Ribera, silenciosos como espectros, atiravam-n'os, n'um farrapo, para a profundidade dos carceres inquisitoriaes. Começava então a tragedia com todos os seus horriveis pormenores. A espada flammejante de S. Domingos não perdoava nunca.

Depois de um seculo de treguas pacificadoras, ninguem calcula sequer o que foram os carceres da Inquisição. Excedem o que de mais repugnante tem produzido a perversidade humana. Era admiravel que se vivesse ali, que se respirasse ali, que esses buracos sordidos e profundos fossem compativeis com a vida. Os carceres secretos do Santo Officio, os mais terriveis, teriam dez palmos de comprimento por sete de largo, — pouco mais do que o espaço que um cadaver occupa. Illuminados apenas por uma fresta alta e estreitissima entestando com o muro d'um pateo interior, — a escuridão, lá dentro, durava dezeseis horas em cada vinte e quatro. As abobodas pesavam, baixas e excavadas, sobre a cabeça dos pacientes, a humidade enregelava-lhes os ossos, e as exhalações de dois potes de immundicie, que só de oito em oito dias se renovavam, iam-lhes minando pouco a pouco a existencia e creando n'essas centenas de creaturas outras tantas mumias esqualidas e esverdeadas que uma samarra negra recobria. Não se lhes permittia que falassem ao seu proprio advogado; negava-se-lhes fogo nas noites frigidissimas do inverno; era-lhes defeso o accender luz desde as 4 horas da tarde até ás 7 da manhã. Muitos d'elles enlouqueciam, e — infamia que revolta a propria natureza humana! — eram levados loucos á tortura; outros morriam de infecções de fórma typhoide, e os seus ossos, conduzidos n'uma pequena tumba ao primeiro auto-de-fé, eram piedosamente carbonisados com todo o ceremonial e toda a sumptuosidade; os mais fortes resistiam, para sua propria desgraça e para seu proprio supplicio; e alguns — não foram poucos durante os nossos tres annos de Terror negro — buscavam no suicidio a libertação das torturas que os esperavam, e despedaçavam o craneo, aos uivos de dôr e de desespero, de encontro á pedra rugosa e espessa das paredes do carcere. Foi o que succedeu, em 1685, a um pobre judeu vendedor de pelles, Marcos Sommer, accusado do *peccado nefando*, e aferrolhado, á espera da instauração do processo, n'um dos carceres da Inquisição de Lisboa. Com o horror dos tormentos, peiores do que a propria morte, o desgraçado recorreu ao suicidio *à outrance*, começando por morder os pulsos para abrir as arterias e acabando por estalar o craneo, n'uma furia barbara, d'encontro á silharia dos muros. Quando deram por elle, ao fim de quinze horas de agonia, ainda dava signaes de vida. Pois mesmo assim, dois *familiares*, com a cara coberta d'um capuz negro, levaram-n'o em braços para a tortura.

Uma freira hereje com sambenito de penitente reconciliada.

Entretanto, nos seus paços, repoltreados e risonhos, os bispos Inquisidores trinchavam bons leitões assados sobre enormes bandejas de prata, — e o cardeal Inquisidor-mór, imbecil e purpurado, continuava a mamar, evangelicamente, nos peitos robustos de Maria da Motta...

O sambenito dos herejes vehementes reconciliados, com a cruz de Santo André.

COMO SE LEVANTAVA UM PROCESSO NO SANTO OFFICIO ◉ OS QUALIFICADORES DOMINICANOS E A «NOTA THEOLOGICA» ◉ OS «NEGATIVOS» E OS «CONFITENTES DIMINUTOS» ◉ A CASA DOS TORMENTOS ◉ COMO SE TORTURAVA NA INQUISIÇÃO DE LISBOA ◉ A ASPA, A POLÉ, O SUPPLICIO DA AGUA, O SUPPLICIO DO FOGO ◉ O «MALEFICIO DA TACITURNIDADE».

Uma hereje que vae morrer no fogo

Uma vez preso o penitente, seguiam-se os varios tramites do processo.

Era um ceremonial fatigante, longo e doloroso. Ás vezes prolongava-se durante mezes, durante annos: o desgraçado morria ou matava-se no carcere sem chegar a saber de que crime o accusavam. Outras vezes as coisas passavam-se summariamente, á *delação* seguia-se a *informação*, á *informação* a *nota theologica* dos qualificadores do Santo Officio. Tres sumptuosos dominicanos examinavam os factos ou culpas de que era accusado o pobre diabo, e qualificavam-nos, n'uma ordem crescente de gravidade, como suspeitos de heresia por *suspeita leve*, *vehemente*, *vehementissima*, *violenta* ou *formal*. D'essa qualificação subtil de tres theologos dependia, em grande parte, o destino do encarcerado, — fogueira ou fogo revolto, garrote ou confisco, carcere perpetuo ou infamia. *Em grande parte*, dizemos nós, — por que o que verdadeiramente decidia da sorte do cristão velho ou novo suspeito de heresia, era a confissão ou não confissão do seu crime nas tres audiencias de julgamento a que o sujeitavam. N'essas audiencias d'um ceremonial lugubre e pezado, a que presidia o Inquisidor ou pelo menos o vigario inquisitorial, realisados n'uma sala oblonga de tectos de caixão onde as palavras resoavam soturnamente e em cuja parede do fundo abria os braços um crucifixo enorme, — começavam os juizes, consultores, qualificadores e relatores por interrogar o reu sobre a sua genealogia, os seus antecedentes pessoaes, e por ultimo ácerca da nota de suspeição delictuosa que sobre elle pesava. Era-lhe lido o summario da accusação, — onde o Inquisidor, segundo a praxe do tribunal, misturava aos crimes

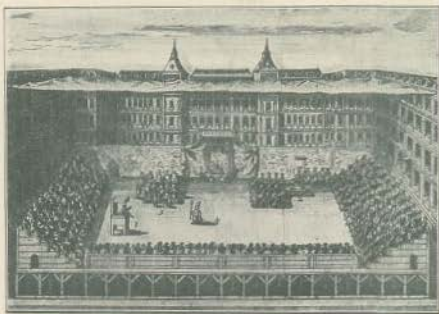
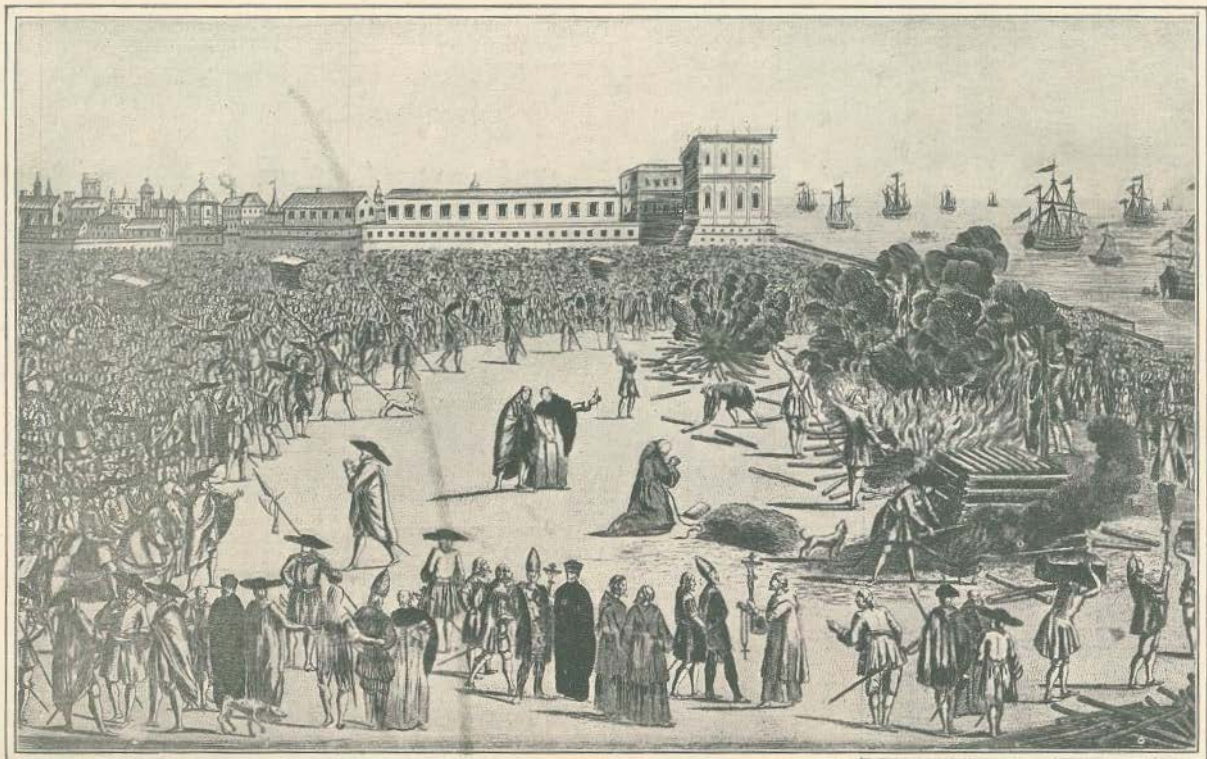
As torturas da Inquisição. — A polé, a aspa, o supplicio do fogo. — Gravura do tempo

de que o pobre diabo era realmente accusado, varios outros mais ou menos graves, ou mais ou menos escandalosos, da plena phantasia dos relatores rábulas do Santo Officio. Tinha este systema por fim, não só estabelecer a confusão no espirito já deprimido do penitente, mas tornar bem sensivel a differença entre o modo por que elle negava os crimes que commettera e os que não commettera. Se a negação do delicto de que o accusavam não era tão energica ou tão rapida, como a d'outro qualquer mais vergonhoso ou mais revoltante que por artificio lhe misturavam no summario da accusação,—os santos Inquisidores concluiam desde logo que o reu era *negativo* ou *confitente diminuto*, que se negava a confessar culpas manifestamente evidentes aos olhos dos theologos dominicanos, e propunham sem perda de tempo que se fizesse descer o pobre diabo á «Casa da Tortura».

Era o segundo acto da tragedia inquisitorial. Ao evocal-o, já a dois seculos de distancia, corre-nos uma ponta de gelo pela medulla e sacode-nos um estremeção instinctivo de pavor.

No palacio dos Estáos, como nas Inquisições de Madrid, Burgos, Sevilha, e outras muitas, a «Camara dos Tormentos» ficava na profundidade bafienta dos subterraneos, n'um ponto correspondente ao centro do edificio, revestida de espessas paredes, com uma abobada pesada, baixa e monachal,—tudo sabiamente e cautelosamente disposto para que se não ouvissem, nem no palacio nem fóra d'elle, os gritos de dôr e os uivos de maldição que os desgraçados soltavam na tortura. Esperava-os ahi o Inquisidor, mitrado, sobre uma cadeira de espaldar, os qualificadores, os consultores, os confessores dominicanos de cruz erguida, dois ou tres escrivães que reduziam a auto—ás vezes com quanta falsidade!—as declarações dos accusados, varios carrascos de loba negra e capuz pela cara, e por ultimo o medico do Santo Officio, destinado a velar por que as violencias da tortura não fossem até á morte do paciente. Procedia-se então aos tormentos, gradualmente, solemnemente, com a placidez e o methodo que os santos dominicanos punham em todos os actos inquisitoriaes. Principiavam por estender o *negativo* ou o *confitente diminuto* sobre uma aspa e quebrar-lhe methodicamente os dedos das mãos, um a um: a cada osso que estalava, a cada rugido de dôr que soltava o paciente, a face pallida d'um frade surgia-lhe da sombra, illuminada por uma tocha, surprehendendo-lhe a confissão, promettendo-lhe a vida, suggerindo-lhe, no momento supremo a tortura, as palavras que devia pronunciar e os crimes imaginarios de que devia penitenciar-se... Se ainda não era bastante, se o desgraçado persistia em negar, com repugnancia e com dignidade, os delictos que lhe attribuiam, passavam-no ao supplicio da polé. As mãos do reu *negativo* eram violentamente amarradas atraz das costas pela extremidade de uma corda de linho que ia passar n'uma roldana do tecto: dois carrascos puxavam a outra extremidade da corda, içavam o paciente até ás abobadas, deixavam-n'o cahir até meia altura, os ossos dos braços, repuxados com violencia na queda, estalavam, desconjuntavam-se, desarticulavam-se, e o pobre diabo ficava suspenso no ar como um boneco, torcendo-se de dôres, gritando, uivando. Quando o paciente resistia ainda a esta tortura, com a coragem sufficiente para se manter na primitiva negação,—estendiam-n'o de novo sobre a aspa, sujeitavam-n'o ao supplicio da agua, quebravam-lhe a espinha, queimavam-lhe os pés lentamente com tenazes em braza, levavam a tortura até aos mais altos requintes da perversidade, e se, ao fim de tudo, o desgraçado persistia n'aquillo a que os inquisidores chamavam *o maleficio da taciturnidade*, atiravam-n'o como um farrapo para a escuridão do carcere, ensanguentado, anniquilado, torcendo-se de dôres, sem força para gritar, já sem força para soffrer, pedindo a morte e a fogueira como o supremo allivio e a suprema misericordia...

Então, o santo inquisidor, mitrado, solemne, indifferente, endurecido na continua intimidade da dôr humana, dictava para o escrivão dominicano cujo cálamo se movia, á luz das tochas, sobre um grande fólio amarellecido:

—*Hereje formal. Negativo. Taciturno malefico.*

A leitura das sentenças do Santo Officio, n'um «auto de fé» da praça Mayor de Madrid.—1) O rei, Filippe II e a côrte; 2) O Inquisidor-mór e os familiares; 3) O relator lendo as sentenças; 4) O réu, de sambenito e ca ocha; 5) Os outros réus

Outro auto de fé no Terreiro do Paço.—Gravura do seculo XVII

OS HABITOS PENITENCIAES: A CAROCHA, O SAMBENITO, AS CRUZES DE SANTO ANDRÉ ❁ COMO ERA O SAMBENITO DOS QUE IAM Á FOGUEIRA ❁ O QUE ERA UM AUTO-DE-FÉ ❁ O SAHIMENTO PROCISSIONAL DO PAÇO DOS ESTÁOS ❁ O PRIMEIRO AUTO-DE-FÉ NA RIBEIRA, EM 1540 ❁ O CARDEAL INQUISIDOR.

O sahimento processional de um Auto-de fé do Paço dos Estáos, em Lisboa.— Outra versão da gravura de pag. 539

Se o paciente confessava os crimes que não commettêra e pedia reconciliação com a Egreja, salvava-se da morte quando esses crimes não fossem de *heresia formal*: incorria apenas na infamia, no confisco de todos os bens, na inhabilidade para o desempenho de todos os cargos publicos, e apparecia no primeiro auto de fé com sambenito amarello sem aspas, se era *suspeitoso leve*, com meia aspa roxa, ou cruz de Santo André, se era *vehemente*, com uma aspa inteira se era *violento*. Este sambenito ou escapulario era o habito penitencial dos herejes, e differia para os que eram reconciliados e para os que eram relaxados ao braço secular. Estes ultimos,— os *relapsos*, os *confitentes fictos*, os *negativos impenitentes*, os *impenitentes formaes*— appareciam no auto de *carocha* ou mitra e sambenito amarello com chammas invertidas de fogo revolto se o penitente era garrotado e queimado depois de morto, ou com chammas ateadas e figuras de diabos pintados no escapulario se o penitente devia ser, por sentença, queimado vivo. Em qualquer das hypotheses, quer fosse reconciliado ou relaxado ao braço secular, o reu caminhava descalço e com uma tocha accesa na mão, no sahimento procissional dos autos de Fé.

Esse sahimento fez-se sempre entre nós com a maxima sumptuosidade, sobre tudo nos seculos XVI e XVII. Em Lisboa, a procissão sahia do paço dos Estáos onde estava installado o Tribunal do Santo Officio e dirigia-se para o terreiro do Paço da Ribeira, onde mais frequentemente se mandava armar o estrado para a leitura dos summarios dos processos, feita solemnemente pelo relator, na presença do rei, do Inquisidor-mór, da nobreza, dos familiares, e dos juizes do ordinario que haviam de receber e mandar executar os impenitentes relaxados. O cortejo era precedido por uma escolta de arcabuseiros e alabardeiros, que no acto da cremação serviam para transportar a lenha; seguiam-se os padres dominicanos com cruz alçada — uma cruz enorme com um Christo sangrento e contorcido;— immediatamente ia o estandarte de S. Domingos, vermelho, com a figura do Santo empunhando uma espada flammejante; depois do estandarte outro crucifixo coberto de crépes, os familiares do Santo Officio de branco e preto, com os seus longos mantos e as cruzes da ordem bordadas a ouro, os carrascos de loba e capuz, os penitentes descalços de samarra e carocha amparados aos confessores, e por ultimo, fechando o cortejo, as estatuas dos *ausentes fugitivos* condemnados pela Inquisição e dos *impenitentes relapsos* ou *confitentes fictos* mortos no carcere ou na tortura, cujos ossos, convenientemente esbrugados seguiam em pequenas tumbas, atraz das estatuas, para serem com ellas consumisumidos no fogo.

Foi em 20 de setembro de 1540 que se realisou em Lisboa, no terreiro do Paço da Ribeira, o primeiro auto de fé regular. Assistiu D. João III e o cardeal D. Henrique, então inquisidor-mór. Disse-se missa. O rei, pondo a mão sobre os Evangelhos que o cardeal lhe apresentou, purpurado e tremulo, piscando os olhos n'um constante tic nervoso, jurou defender a fé e anniquilar a heresia. Deu-se então começo á lugubre ceremonia. Os *herejes formaes* e os *relapsos* arrependidos, com as suas samarras amarellas onde a cruz de Santo André abria os braços sanguinolentos, foram piedosamente garrotados, o seu cadaver arremessado ao fogo, — e os *impenitentes finaes* não reconciliados, atados a postes de madeira sobre fogueiras immensas que os soldados avivavam com os piques e as alabardas, torciam-se e berravam nas chammas, com manifesto agrado d'el-rei e dos inquisidores, dos frades e do povo.

Procissão de um auto-de-fé, na Inquisição de Gôa

Havia vento n'essa tarde, o fumo desviava-se dos pacientes roubando lhes a misericordia da asphyxia, os desgraçados tinham já as pernas carbonisadas, estava ao rubro a annilha de ferro que os prendia ao poste, — e ainda gritavam, e ainda uivavam, e ainda se torciam, e ainda viviam!

Finalmente, tudo acabou. Voaram as ultimas cinzas sobre o rio, dispersaram os ultimos curiosos, cahiu a noite como um pallio negro sobre a cidade em festa,— e entre as tapeçarias do paço, depois do banquete solemne, o rei, inchado e imbecil, fanatico e illuminado de evangelica alegria, beijava a mão ao mano inquisidor, agradecendo-lhe a delicia que fôra para o Reino a primeira matança regular e piedosa dos christãos-novos:

— *«Muito contente fui, mano e senhor cardeal, do primeiro Auto da Fé que ordenastes...»*

PONTE DE CANAVEZES SOBRE O TAMEGA

Alguns auctores attribuem a construcção d'esta ponte a origem romana, coeva de Trajano e a sua reconstrucção a D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques. E' uma obra grandiosa de arcaria gothica e ameias rendilhadas, que projecta na superficie das aguas a sua sombra de seculos.

Pagava-se n'ella antigamente portagem cujo producto revertia em favor da Albergaria de Canavezes, estabelecida pela referida rainha D. Mafalda.

Na margem direita encontra-se a povoação de Santa Maria do Sobre Tamega, cuja egreja é fundação da mesma rainha, não apresentando hoje senão raros vestigios da architectura primitiva.

Pertence ao concelho do Marco de Canavezes.

PONTE DE CANAVEZES SOBRE O RIO TAMEGA
[Photographia de G. Ribeiro]

OS PEQUENOS ANNUNCIOS NA Illustração Portugueza

A **Illustração Portugueza**, no intuito de facilitar a propaganda nas suas paginas e pôr ao alcance de todas as bolsas a publicidade por meio de annuncios, communicados e correspondencias inaugurou uma secção de **PEQUENOS ANNUNCIOS**, por meio dos quaes toda a gente póde facilmente corresponder-se.

Os **PEQUENOS ANNUNCIOS** da **Illustração Portugueza** comprehendem duas categorias:

1.º **PEQUENOS ANNUNCIOS PARTICULARES**, comprehendendo as offertas de serviços e procura de emprego ou trabalho (professores, lições, secretarias, modistas, creados, etc., etc., etc.).

Correspondencia mundana e propostas de trocas de bilhetes postaes, sellos e informações sportivas, etc., etc.

2.º **PEQUENOS ANNUNCIOS COMMERCIAES**, comprehendendo d'uma maneira generica tudo o que se refere a negocio, que trate d'uma venda ou compra de qualquer producto, etc., etc.

Cada **PEQUENO ANNUNCIO** recebido será marcado na administração da **Illustração Portugueza** com um numero será publicado com esse numero; todas as pessoas que quizerem responder a qualquer **PEQUENO ANNUNCIO**, devem escrever a sua proposta ou resposta (com todas as indicações bem legiveis) mettel-as n'um enveloppe fechado apenas com o numero correspondente ao annuncio, e estampilhado com a franquia de 25 réis para Portugal e Hespanha e 50 réis para o estrangeiro; esse enveloppe deve ser mettido n'outro sobrescripto dirigido á administração da **Illustração Portugueza** secção dos **PEQUENOS ANNUNCIOS**, que se encarregará de a remetter ao interessado.

PREÇOS

Um espaço de 0m,05 de largo por 0m,02 d'alto

Correspondencia mundana, uma publicação...... 1$000 réis, 4 publicações 2$500 réis
Annuncios commerciaes, uma publicação......... 800 réis, 4 publicações 2$000 réis

NOTA — Todos os annuncios d'esta secção devem ser remettidos á administração da **Illustração Portugueza** até quarta-feira de cada semana.

SEMPRE - UTILIDADES - SEMPRE

em competencia com todas as casas que negoceiam no mesmo genero.—**SEMPRE os preços mais baratos do mercado.**—Talheres, louças de ferro esmaltadas ou estanhadas. Metaes para serviço de mesa. Canivetes, thesouras e outras cutelarias. Escovas. Pentes. Esponjas. Sabonetes, etc., etc.—Sortimento especial em artigos de ferragens e quinquilharias applicaveis ao **arranjo da casa** ou ao cuidado pessoal.—Artigos de primeira ordem.—Preços resumidos.—**LOJA UTILIDADES—José Braga—180, 182, Rua do Ouro, 180, 182—Lisboa.**

RUA DO OURO, 110

Esquina da R. de S. Nicolau
Succursal do
—✦ LISBOA ✦—

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa, Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro com veracidade e rapidez: é incomparavel em vacticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancia, phronologia e physiognomonia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambroze e d'Arpentigney.

Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathegoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite, em seu gabinete, 43, Rua do Carmo, sobreloja. Consultas a 1$000, 2$500 e 5$000 réis.

Antiga Agencia Funeraria

DE

Francisco dos Santos Rodrigues

Andador da Irmandade do Santissimo da Sé de Lisboa

7, RUA DAS PEDRAS NEGRAS, 15

Telephone n.º 1:044

O proprietario d'este estabelecimento possue coches antigos, etc., carros dourados de columnas e ornamentados em preto para serviços de funeraes desde o mais modesto e simples até ao de maior pompa que se possa exigir, por ser socio d'uma empreza das mais importantes e bem fornecidas no genero.

Urnas em todos os generos em mogno e pau santo, lisas, entalhadas, contrasoldadas e para embalsamamento e como tambem possue todos os artigos proprios para funeraes, incluindo armações para casas particulares, egrejas e cemiterios, está este estabelecimento em condições de bem servir por preços resumidos. Tambem se encarrega de funeraes por tabella entregando-as a quem as requisitar na agencia, onde se encontram empregados a toda a hora da noite. Trata-se de trasladações e todos os serviços relativos á sua industria tanto no paiz como no estrangeiro.

Grande variedade em corôas, tanto nacionaes como estrangeiras, fitas e franjas em todas as qualidades

O gente pode ser procurado a qualquer hora da noite no **pateo da Sé (defronte do Aljube).**

Thiago Marques

MEDICO CIRURGIÃO

DOENÇAS DA BOCCA E DOS DENTES

PROTHESE DENTARIA

Largo da rua do Principe, 8, frente á rua do Carmo

COMPANHIA FRANCEZA DO GRAMOPHONE

NOVAS COLLECÇÕES SENSACIONAES

Artistas de todo o mundo todas as celebridades

OS CHEFS D'ŒUVRES de todos os maestros glorificados: Adam, Beethoven, Berlioz, Bizet, Delibes, Donizetti, Gounod, Meyerbeer, Mozart, etc., etc.

AS VOZES de todas as divas celebres e de todos os cantores laureados.

Sons com toda a nitidez, pujança e clareza

A melhor, a mais verdadeira, fiel e a mais barata bibliotheca artistica é

UM GRAMOPHONE

e uma collecção de discos impressos com as vozes dos artistas preferidos.

A **Companhia Franceza do Gramophone,** Largo da rua do Principe, 8, 1.°, satisfaz promptamente todos os pedidos que lhe sejam dirigidos, bem como fornece catalogos e esclarecimentos.

Agente no Porto: Arthur Barbedo, rua Mousinho da Silveira, 310, 1.°—*Agente em Braga:* Manuel Antonio Maneiro Gomes